

Stadium

N.º 87 * 2 DE AGOSTO DE 1944 * PREÇO 1\$50

VER NESTE NUMERO

a reportagem gráfica
e respectiva tricromia

do ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL



HENRIQUE DA SILVEIRA
DO CENTRO N. DE ESGRIMA
brilhante internacional-olímpico
e actual campeão nacional de espada

(Foto Nunes de Almeida)

Nos campeonatos nacionais de juniores

registou-se novo triunfo para o SPORTING

ESTES campeonatos nacionais de juniores foram uma competição difícil de definir; deixaram-nos impressão confusa, que ora nos parece francamente favorável, ora se afigura ausente de não sabermos qual atributo, mas que marca uma deficiência na imagem conjunta que o espírito conservou.

Não pode afirmar-se que a competição tenha sido falha de emoção; tão pouco é lícito dizer-se que não houve esperanzosa classe no lote dos vencedores, nem carência de réplica dos seus mais directos competidores; ainda não seria justo acusar descuidada ou irregular a organização. Então, onde focar a falha? Difícil responder concretamente, porque a impressão é nata no subconsciente e mal interpretada na realidade da análise de factos: talvez porque a concorrência foi diminuta, ou porque faltou o estimulante da luta entre equipas de valor equilibrado, ou porque a quasi identidade com os precedentes regionais deu por vezes a ideia de segunda leitura de uma obra com desfecho previamente conhecido.

A parte esta impressão um tanto vaga, a memória conserva bastos pormenores de agrado: houve algumas finais autenticamente empolgantes, nomeadamente as de 150 e 300 metros — que foram, por acaso, aquelas que melhor noção de novidade trouxeram ao espectador, pela réplica valorosa dos representantes portuenses — alguns resultados merecedores de apreço e uma organização cuidada, tanto material como tecnicamente, bem conduzida na sua sequência e melhor animada pelas constantes e variadas informações ao público, onde apenas vale uma censura o imperdoável descuido de não haverem sido colocados fiscais nos pontos de substituição da estafeta 5x80m., o que trouxe a classificação irregular de uma equipa que executou uma das transmissões quasi a meio do percurso seguinte.

A participação da provincia nas provas de campeonato foi reduzidíssima: três representantes do Futebol Clube do Porto e um do União de Coimbra, os quais no entanto assinalaram a sua presença na pista, sobretudo os portuenses Povoas e Romero Antelo, que são corredores feitos e de boa classe.

A equipa do Sporting completou triunfalmente a sua acção durante esta primeira fase da temporada atlética, a fase dos novos, aquela onde é posto em evidência o trabalho de renovação, de recrutamento em profundidade, realizado pelos dirigentes técnicos dos clubes.

Somando 40 pontos, contra 50 de todos os restantes competidores, com 15 pontos de vantagem sobre o imediato classificado, o núcleo sportinguista marcou nítida superioridade, que mais realçaria se a contagem se fizesse pelo mesmo sistema dos regionais, isto é, a cinco, três, um.

Empregando este sistema, a pontuação final colectiva nos Nacionais teria sido: Sporting 61 p., Benfica 34 p., Internacional 23 p., Porto 7 p., Casa Pia 6 p., e União de Coimbra, 1 p.

Os «leões» classificaram homens em todas as provas, excepto no salto à vara, onde os «carnados» alcançaram resultado notável, apesando-se dos três melhores postos: nas provas em que não conquistaram o campeonato, os sportinguistas firmaram-se sempre no segundo lugar, à parte o salto em altura, no qual o seu melhor homem foi terceiro, pela diferença de um derrube na altura mínima.

As corridas

Como é de regra, os resultados nas corridas foram bastante superiores aos dos concursos e nêles se concentrou o maior interesse público, que por seu intermédio vibrou algumas vezes de irresistível entusiasmo desportivo.

A luta entre Silveira e os dois portuenses, na final de 150 metros, e entre Colaço e Povoas, nos 300 metros, foram os momentos máximos de beleza e emoção das duas jornadas do campeonato.

Aos 120 metros da primeira destas corridas o sportinguista vinha nitidamente em terceiro lugar, mas applicou então uma embalagem possante — paradoxal em atleta de tão frágil aparência — e ante os aplausos do público empolgado ultrapassou os valorosos contendores e venceu destacado; nos 300 metros, Colaço e Povoas bateram-se ombro a ombro em toda a recta final e só nos derradeiros metros a vontade mais firme do pequeno Colaço conseguiu levar a melhor.

Eis aqui três nomes, Silveira, Colaço e Povoas, que devemos reter com vistas ao futuro: classe evidente, estilo apreciável (sendo o de Povoas o mais cuidado, o que não admira porque é corredor mais experiente) e temperamento de lutadores, que é a melhor virtude para um atleta.

José Vicente, que vencera destacado os 100 metros, foi muito justamente desclassificado; um homem do seu valor não pode permitir-se certas fantasias e deve habituar-se a impôr sem subterfúgios a sua autoridade. Não sabe colocar-se no pelotão dos contendores e, no final, abre caminho de qualquer modo, o que se não pode tolerar. Boa l'ção para êle e que em nada afecta o seu merecimento desportivo; não lhe faltarão ocasiões para buscar desforra.

Este incidente entregou o título ao benfiquista José Bastos, a quem não ficará mal; é um corredor possante, com autoritária ponta final, mas a quem falta iniciativa para que o possamos considerar com o estôdo dos campeões. É deficiência fácil de corrigir, pois resulta de conceito tático pela confiança que desputa no seu último arranco.

O vencedor dos 3000 metros, Américo Pinto, é um caso sério: excelente passada natural, optimo ritmo, bom fundo e rapidez final. Que mais precisa? Temos ali um futuro recordista, se for preparado sem precipitações e com o devido cuidado.

Fernando Barbosa alcançou enfim o seu primeiro título de barreira, merecido desde a sua estreia na especialidade; possuidor de estilo já muito apreciável, relativamente rápido, entregue ao saber de mestre Palhares, pode e deve ir longe. Não viamos há multos anos um novo com tantas qualidades para a difícil prova das barreiras. João Seródio Gomes deixou também impressão favorável, assim como Camões, cujos resultados são obtidos apenas pelo seu poder e velocidade nos percursos planos, pois a passagem do obstáculo é menos do que rudimentar.

As provas de estafeta tiveram os vencedores previstos: o Benfica venceu a de meio-fundo, com a embalagem de José Bastos, e o Sporting triunfou em velocidade prolongada e pura com vantagem folgada; note-se que nos 5x80 m. a réplica do Benfica foi apertada até à quarta substituição, que fálhou por completo e foi feita muito além do limite regulamentar. A equipa foi classificada apenas porque o juiz árbitro cometeu o erro de não colocar fiscais no percurso. Imagine-se o que seria, se o caso

JOÃO REBELO

vai tentar bater um «record» de João Lourenço

ESTÁ parado o ciclismo de competição. Que se saiba, só em 3 de Setembro haverá uma prova de estrada — o «Circuito da Bairrada» — falado-se ainda num festival de pista, no Porto, em 13 de Agosto, e talvez o «Giro do Minho, também para Setembro. E por isso ingrata a tarefa dos estradistas que, para manterem a «forma», são obrigados a fazer sessões intermináveis de treino, sem uma só prova para quebrar tão arrelaxadora como depressivamente preparação.

Com o fim de atenuar as inconveniências desta apatia, o Desportivo de «A Iluminante autorizou o seu corredor João Rebelo, que deve ser talvez o estradista do sul actualmente em melhores condições físicas, a fazer uma tentativa para melhorar o tempo que João Lourenço conseguiu na prova contra-relogio de 1942.

O corredor «leônico» fez então, no percurso Campo Grande - S. Iria - Viatonga — quilómetro 40 da estrada de Avambuja, e volta, 2 h. 33 m. e 43 s. Num treino efectuado no domingo, Rebelo, sem forçar, ficou muito perto do «record». Por isso, é possível que a tentativa do «iluminante», que se efectua no próximo domingo, ás 8 h. e 30 m., seja coroada de êxito. Esta prova será fiscalizada oficialmente por membros da Associação de Ciclismo.

No caso de ser feliz nesta tentativa, Rebelo, com mais dois companheiros de equipa, vai fixar tempos para as distâncias de 25, 50 e 75 quilómetros, por equipas, em provas contra-relogio.

sucedesse com uma equipa vencedora ou se os pontos decidissem a classificação colectiva.

Os concursos

A deficiência técnica do atletismo português patenteia-se claramente no estilo defeituoso dos nossos concursistas; em noventa e tantos por cento dos casos, a maneira de saltar ou de lançar é aquela que a natureza deu.

Entre os campeões apurados nestas jornadas apenas Pinto Basto, com o péso, Mário Lemos e Seródio Gomes, deixaram a impressão de estilo trabalhado, e entre os immediatos competidores poucos mais se podem destacar ainda: Moniz Pereira, Santos Vieira, Monteiro Baptista e Angelo Seródio.

A técnica dos saltos e lançamentos é, de facto, mais complexa e, por isso, difícil de ensinar e aprender; compreende-se que estreantes, como o habilidoso Homero Reis, não tenham ainda tido tempo necessário à aprendizagem conveniente, mas é de estranhar que outro habilidoso nato, como Ludovino Martins, se apresente este ano a atirar o dardo pior ainda do que na época passada.

Uma referência, antes de terminar, ao lançador Pinto Basto, que transita de categoria sem ter alcançado o melhor prémio para a sua aplicação e vontade de progredir. É assim o desporto — nem sempre justo nas suas decisões. Escapa ao lançador internacionalista um «record» que teve ao alcance, mas a vida é longa e oferece, às vezes, inesperadas compensações.

SALAZAR CARREIRA

O ANALGÉSICO DOS DESPORTISTAS

composição: Mentholum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEVRALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe
pela Faculdade de Paris

Eficaz em: entorses, luxações, contusões, traumatismos e dores musculares e em geral. Alívio rápido após a primeira fricção.

À venda em qualquer farmácia.

ESCUDOS 15\$0.

Campe Pequeno, 19 de Julho.

O Campeonato Nacional de Espada

foi ganho por Henrique da Silveira, do C. N. E. seguido de Pinto da Silva, jovem representante do Hockey Clube

«ISTO es una caricatura de la Fiesta!» — comentou a nosso lado um diplomata ibero-americano que pela primeira vez via toiros em Portugal. Tal é, na verdade, a triste condição a que chegou entre nós um espectáculo soberbo de emoção e arte, que uma legislação equívoca amputou no que elle encerra de mais belo e grandioso.

O fracasso parcial da corrida da dia 19 não pode ser atribuído ao publico — por vezes impertinente na sua ância de protestar sem saber por quê, — nem à Empresa, que não se poupou a esforços e despesas, nem ao ganadero, e muito menos aos matadores, que não se deslocam a Portugal na disposição de lidar «catredais» no primeiro estado. A culpa pertence exclusivamente à mentira que representa a supressão do primeiro tercio e da finalidade natural da Festa.

Os toiros de José Infante da Câmara, designados em tamanho a ponto de provocarem uma das mais sérias broncas a que temos assistido no Campo Pequeno, eram difíceis por excesso de nervo e falta de braçura. Quasi todos se paravam no centro da sorte, e alguns achuchavam mesmo por forma perigosa.

Ortega e Manoete, essas duas figuras cumbres da tauromaquia, deram a medida dos seus méritos, cada um d'elles um toiro. No tercio da tarde, Manoete ministrou-nos a sua segunda lição desta época, de mando e dominio, com uma preciosa faena de sua marca exclusiva, de pés cravados no solo, tronco erguido e imóvel, alegrando, recolhendo e mandando apenas com os braços. Destaquemos os imponentes ajudados por alto, na sua forma clássica de iniciar o trasteiro, e as duas tandas de naturais, correndo a mão e dobrando o inimigo com precisão e dominio nunca atingidos pelos mais categorizados dos seus antecessores. Enormes também as duas meias verónicas com que rematou as suas breves intervenções com o capote. Limitou-se a tourear pela cara o seu segundo toiro, manifestamente impróprio para uma faena estatutária de estilo manoletino.

Ortega, assobiado no segundo, desquitou-se no sexto. Iniciando a faena com dois passes de joelhos de que saiu achuchado, traiu imediatamente de corrigir o defeito visível do inimigo recorrendo aos seus formidáveis derechazos, que transformam um toiro de casta e temperamento num animal docil e inofensivo. Segunda parte de faena nos médios, repousada e vistosa, de que merecem destaque as manoletinas que o seu autor deixara desta vez no tinteiro. E finalmente uma terceira faena de efeito, em túbas de sol, a menos emocionante mas a que mais entusiasmo despertou.

Ao simpático toureiro mexicano Fermin Rivera tocou o pior lote. Em competência com dois astros da grandeza de Ortega e Manoete, a sua acção tinha de ser discreta. Mostrou-se, no entanto, valente e voluntarioso com capote e muleta, e colocou três bons pares de banderilhas.

João Nuncio, lutando com as suas montadas, colheu justos aplausos pela lide do quinto toiro, em que conseguiu cravar vários ferros citando bem de cara e entrando em linha recta pelo terreno do inimigo.

J. E.

ANO XII — Lisboa, 2 de Agosto de 1944 — II SÉRIE-N.º 87

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEORÁVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Se não fôsse a nova e excelente exhibição de Henrique da Silveira e o óptimo comportamento de Pinto da Silva — o campeonato nacional de espada deste ano de 1944 pouco teria a assinalá-lo...

Verificada a falta de alguns fortes atiradores, o torneio perdeu sensivelmente no menor competição. Ficou a «poule» final — uma inexplicável «poule» de 10 atiradores (!) seleccionados do escasso número de 16 concorrentes... — para marcar certo interesse, distante, todavia, do que se registou noutros campeonatos, pósto que o vencedor estava agora de tal modo previsto que nem havia a temer qualquer precalço.

Na realidade, lógica e praticamente H. Silveira não podia deixar de ser o vencedor. Não ha em Portugal outro atirador da sua força — não sabemos até se existirá no estrangeiro, visto que os mais categorizados internacionais italianos, fanceses ou belgas, com os quais aliás ombreava, podem ter desaparecido na voragem da guerra. Assim, de Silveira basta dizer que é, com indiscutível autoridade — o «campeão nacional». Claro que pode ser vencido uma vez ou outra, pelas contingências naturais das lutas desportivas. Mas tal com se exhibiu na última quinta-feira, totalizando vitórias e recebendo 6 únicos toques, aquele facto só pode verificar-se esporadicamente.

VOLLEYBALL

O campeonato de júniores

O «volleyball» é a modalidade de jogo desportivo que mais se tem desenvolvido nestas últimas temporadas. Lançada no meio clubista muitos anos depois dos outros jogos superlormen e organizados, conseguiu — após curto período de natural hesitação — firmar-se na posição conquistada e ampliar consideravelmente o seu campo de expansão.

O facto merece ser posto em realce com satisfação, porque o «volley» é um excelente exercício que se recomenda para todas as idades, possui todas as características de desporto completo e as condições necessárias para agradar plenamente aos praticantes.

A actividade da Associação de Lisboa, cuja comissão dirigente e, sobretudo, o seu presidente, sr. José Ghira de Lima, são credores de incondicional aplauso, aumentou este ano o plano das suas competições. Depois do tradicional campeonato da divisão de honra, decorreu o torneio da primeira divisão, provas estas que alcançaram os melhores resultados, conforme tivemos ocasião de apreciar; agora está em curso o campeonato de júniores, com sete equipas inscritas, e seguir-se-á ainda o campeonato popular, para o qual deram já a sua adesão cinco colectividades.

A prova destinada aos júniores, cujos benefícios são evidentes, tanto para o futuro da modalidade em geral como para o desenvolvimento das secções clubistas, reuniu sete dos dezoito clubes filiados, percentagem inferior ao presumível, em relação ás vantagens que a organização de equipas desta categoria traz para as colectividades. Não se explica, por exemplo, a ausência de clubes com a projecção e recursos associativos do Sport Lisboa e Benfica ou o entusiasmo do Parede.

Depois de concedida a autorização da Direcção Geral de Desportos, foi estabelecido o calendário do campeonato, á razão de duas jornadas semanais, sem aproveitamento do domingo, medida acertada na época corrente, porque a maioria dos rapazes aproveita o dia de descanso para se ensoalhar nas praias vizinhas de Lisboa.

Os dias escolhidos foram as quartas-feiras e os sabados, nos campos mais centrais da cidade:

(Continua na pág. 6)

Se a esgrima tivesse entre nós a merecida consagração do interesse das massas do publico desportivo, ou gozasse, ao menos, das vantagens da publicidade de que se dedica a outras modalidades de muito menor utilidade dentro do panorama da educação física, o país saberia e orgulhar-se-ia, seguramente, deste pormenor — que não cansamos de repetir: existe em Portugal um dos melhores esgrimistas do Mundo!

Pela classificação conquistada e, como dissemos, pelo seu óptimo comportamento, há que felicitar agora francamente Pinto da Silva, cuja exhibição foi também seguida com justo interesse. Sobrio mas seguro, em tarde feliz e boa inspiração, o jovem representante do Hockey Clube acompanhou H. Silveira nos resultados, inclusivamente no reduzido número de toques recebidos, até sofrer do campeão a única derrota que lhe foi averbada. O 2.º lugar neste campeonato, conquistado com mérito, traduz a justa recompensa da sua vontade e deve servir-lhe de incentivo para prosseguir, com método o trabalho, na sua carreira de esgrimista — que promete.

Da mesma maneira deve considerar-se certo o 3.º lugar de D. António de Almeida — uma posição que marca a regularidade das suas últimas exhibições. Sofreu derrotas de Silveira e P. Silva e saiu folgadamente vitorioso nos restantes assaltos. Isto diz tudo.

Melo e Castro, outro dos componentes do grupo com que a Sala Carlos Gonçalves tanto tem animado os torneios de espada, ainda este desta vez irregular e menos seguro. A par de vitórias conquistadas dentro da sua toada enérgica, registou derrotas em combates nos quais parecia abandonar-se á vontade dos adversários.

Fernando Pereira jogou em condições idênticas ás que notamos para M. Castro. Talvez um pouco mais dentro da sua média normal de utilidade — mas áquem do que já conseguiu noutros torneios. Parece-nos que está a limitar demasiado o jogo ao predilecto toque á mão — o seu forte, mas que não deve transformar em... exclusivo...

Pinhoiro Chagas, Oliveira Júnior, Vasco do Couto e Luís Beltrão registaram o mesmo resultado, desempatando pelo número de toques recebidos e dados. Sob o ponto de vista técnico, V. Couto é, a distância, o melhor esgrimista. Voltou a inferiorizar-se extraordinariamente na forte maioria dos assaltos, o que explica a baixa classificação obtida. Por que será que este bom espadista não conduz todos os combates com a mesma enérgica vontade que pôs ao defrontar H. Silveira? P. Chagas não alcançou a média de resultados dos últimos torneios. L. Beltrão teve assaltos bons, á base de vivacidade — que deve desenvolver sempre. Oliveira Jr. — dentro das suas possibilidades.

Amaral Neto ficou no último posto, mas que corresponde ao que lhe permite a sua forma actual.

*

A classificação final: *Campeão*, Henrique da Silveira, do C. N. E., 9 vitórias; 2.º Pinto da Silva, do H. C. P., 8-1; 3.º D. António de Almeida, da S. A. C. G., 7-2; 4.º Melo e Castro, da S. A. C. G., 4-5, 17 toques recebidos; 5.º Fernando Pereira, do H. C. P., 4-5, 18 t. r.; 6.º Pinheiro Chagas, da S. A. C. G., 3-6, 19 t. r.; 7.º Luís de Oliveira Jr., do G. C. P., 3-6, 21 t. r.; 8.º Vasco do Couto, do H. C. P., 3-6, 23/11 toques; 9.º Luís Beltrão, individual, 3-6, 23/10 toques; 10.º Amaral Neto, do G. C. P., 1-8.

Campeonatos Militares

Durante a última semana efectuaram-se também os Campeonatos Militares, disputados á espada e ao sabre. A falta de espaço forçamos a deixar para a próximo número os comentários sugeridos por estes torneios.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

48 — Santos Vieira, campeão do salto à vara

1 — A posição da perna esquerda mostra que o golpe de tesoura executado para assegurar a viragem sobre a barra foi incompleto (as duas pernas deviam estar reunidas na posição em que se encontra aqui a esquerda); tal como a fotografia se apresenta, a flexão angular que deve rematar as manobras de transposição da barra é impossível, e o saltador vai passar o obstáculo em voo, aproveitando os restos do balanço ascensional.

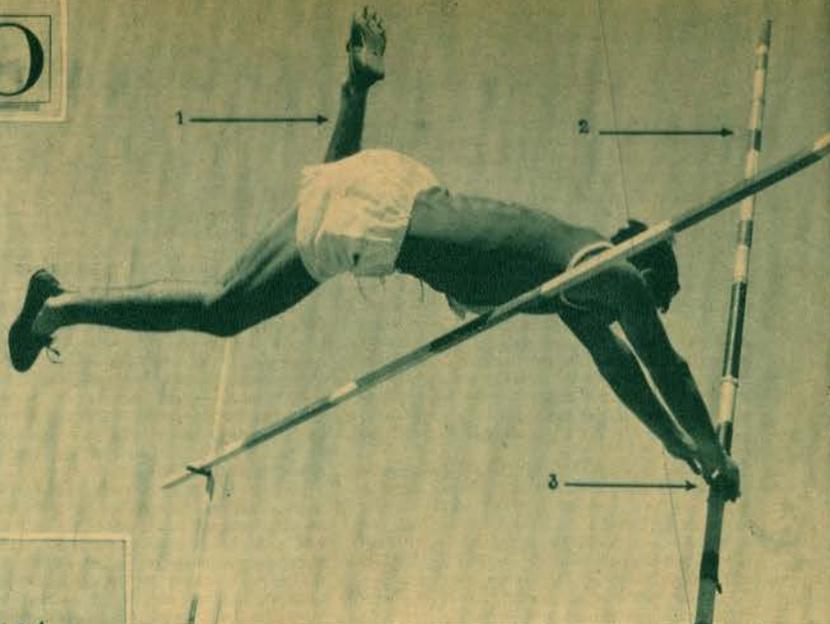
2 — A vara ficou muito distante da barra, o que pode ser interpretado de duas maneiras: ou a corrida preparatória foi insuficiente para garantir a força ascensional bastante para a verticalidade da vara, ou os movimentos de elevação e viragem foram precipitados e o saltador chegou ao fimantes de tempo.

3 — A mão inferior juntou-se bem à de cima, mas as duas mãos soltaram-se simultaneamente da vara, o que não é conforme às boas regras: a mão inferior deve libertar-se primeiro, para o saltador aproveitar ainda a ligeira — mas às vezes preciosa — subida do tronco, resultante da completa extensão do braço superior. Esta segunda mão só abandona a vara, empurrando-a, quando a flexão angular provocou a descida das pernas além da barra.

49 — Francisco Miranda, campeão do lançamento do disco

1 — Esta atitude é das mais extraordinárias que a fotografia nos revela. Como pode conseguir-se uma projecção satisfatória do disco sem ponto de apoio no solo? O disco vai partir da mão no instante imediato àquela em que o lançador foi focado, e o pé da frente, sobre o qual — rezam as regras — deve assentar todo o peso do corpo, está no ar!

2 — O lançamento do disco não é executado apenas pelo braço, que desempenha até uma função quasi exclusivamente passiva, mas sim pela acção da força centrífuga, apoiada pelo trabalho de distorção do tronco e pelo peso do corpo a puxar o ombro para diante. Ora, neste caso, a linha 2 mostra que o cen-



tro de gravidade cai atrás do ponto de apoio ou, quando muito, sobre o ponto de apoio, portanto em contrário aos preceitos mais elementares. Tal como está a posição do corpo, assentando sobre o pé de trás e inclinado para a rectaguarda, corresponde a um aumento de resistência ao esforço de propulsão do disco. Em posição correcta, na fase que o instantâneo representa, o pé esquerdo devia estar apoiado em 2 B e o eixo do corpo sobre ou ligeiramente adiantado à linha 2 A.

3 — O braço direito está em boa posição, mas o disco apresenta-se desviado, com o bordo anterior demasiado elevado em relação ao sentido inicial da trajectória (linha pontuada), oferecendo à resistência do ar maior superfície de apoio.

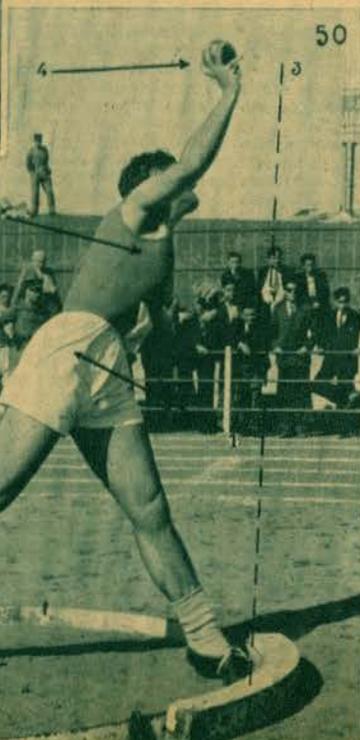
50 — António Feliciano, campeão do lançamento do pêso

1 — A bacia está muito recuada em relação ao ponto onde assenta o pé e, nestas circunstâncias, não há firmeza no apoio que todo o corpo deve oferecer ao gesto de impulsão do braço. Ne posição em que se encontra, o lançador atira em falso, sem fulcro sólido onde apoiar o braço de alavanca.

2 — O tronco está flectido e inclinado para a esquerda, também em prejuizo da solidez da impulsão. Todos os movimentos simultâneos da extensão do braço e dirigidos em sentido diferente, são prejudiciais. A atitude correcta exige que o centro de gravidade do corpo caia ligeiramente à frente da base de apoio (linha 3), a-fim-de aproveitar toda a colaboração do pêso e garantir ao esforço extensivo do braço uma base sólida; se o ombro tiver a possibilidade de recuar, ou for desviado para o lado ou para baixo, perde-se parte da força impulsiva.

4 — A esfera de ferro assenta sobre os dedos, quando o seu verdadeiro lugar é sobre a chave da mão, na almofada logo abaixo da base dos dedos.

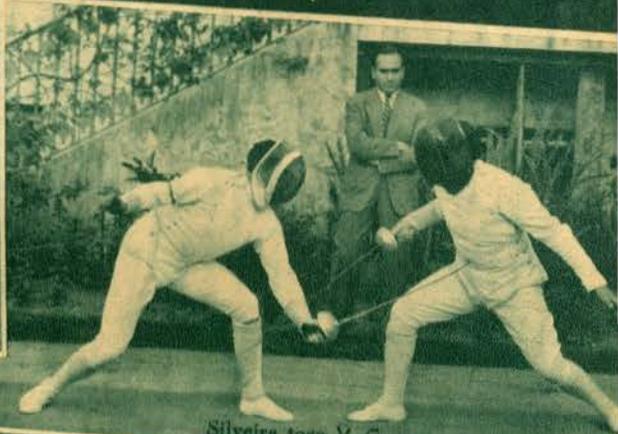
Salazar Correia



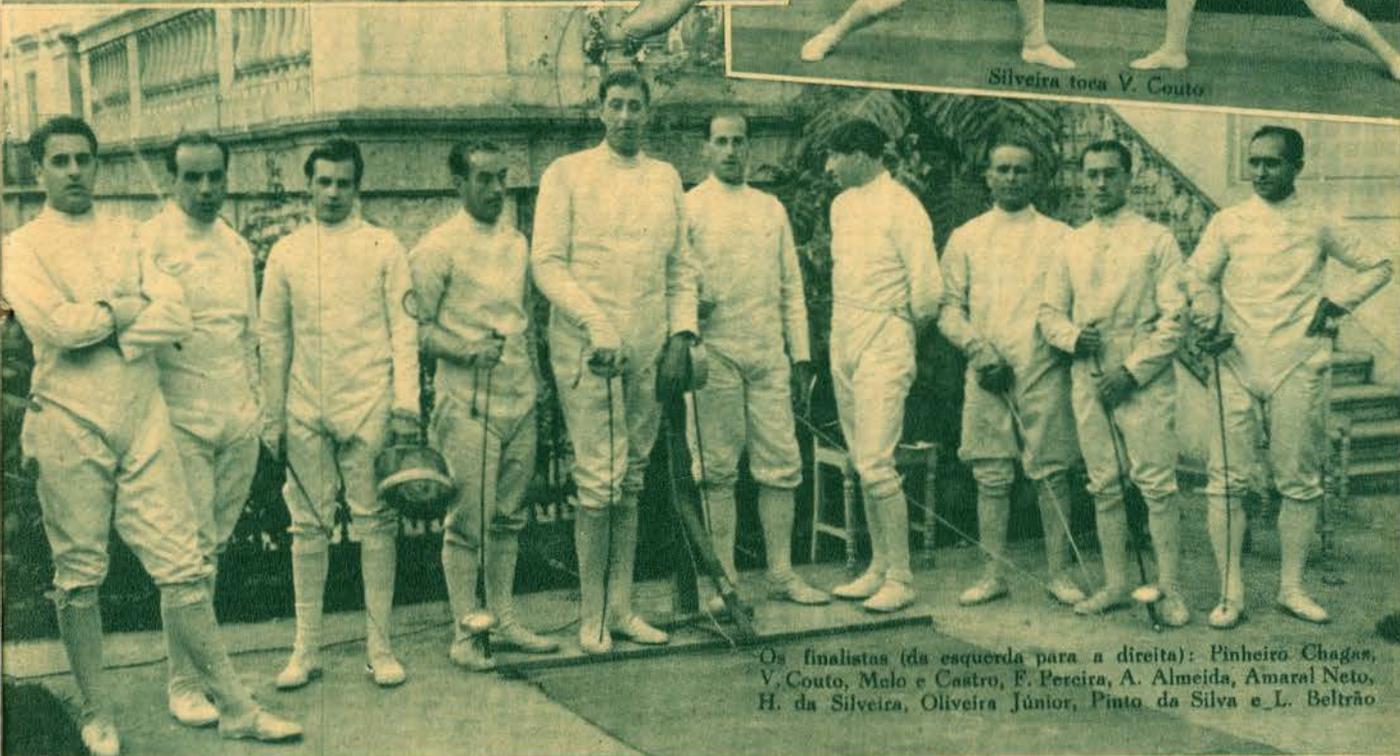


Uma "flecha," de Silveira sobre P. da Silva

Henriques da Silveira
venceu com brilhantismo o
Campeonato Nacional
de Espada



Silveira toca V. Couto



Os finalistas (da esquerda para a direita): Pinheiro Chagas, V. Couto, Melo e Castro, F. Pereira, A. Almeida, Amaral Neto, H. da Silveira, Oliveira Júnior, Pinto da Silva e L. Beltrão

AS NOSSAS REPORTAGENS GRAFICAS E TRICROMIAS



Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente ao **ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL**, bem como a tricromia da sua equipa de honra

Na próximo número:

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

An todo o habitual cupão, que os leitores devem recortar e coleccionar, pois dá-lhes direito à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens

Números esgotados

Em virtude de se encontrarem esgotados quasi todas os números em que têm sido publicadas as reportagens graficas dos clubes de futebol, informamos os coleccionadores das respectivas tricromias que vamos fazer oportunamente uma reedição destas.

A todos os que desejem adquirir as estampas que acompanhavam os números esgotados, recomendamos que enviem à nossa Administração o valor do respectivo custo (1850 cada uma das referidas estampas), a fim de lhe serem remetidas logo que se encontrem reimpressas.

Os nossos AGENTES devem também informar-nos com brevidade das quantidades que eventualmente necessitem por cada número.

O Funchal parece disposto a um esforço notável no sentido de melhorar a preparação dos seus clubes desportivos. Esse esforço limita-se, por enquanto, ao futebol — e tem por expressão o recurso a treinadores continentais. Mas é possível que se estenda depois a outros desportos. A ordem é trabalhar. Os resultados virão na altura própria.

TOMARAM posse na sexta-feira os corpos gerentes da Associação de Ciclismo de Lisboa. O ciclismo de competição atravessa há anos um penoso período de crise. O desdobraimento da acção directiva em Lisboa não nos parece que sirva ou baste para pôr as coisas em melhor ordem. Desejamos, porém, que, com a entrada da Associação de Ciclismo em exercício, o ciclismo encontre motivo para movimentação e progresso.

NO sul do país sucedem-se os domingos e não aparece nenhuma prova de ciclismo de certa envergadura. Para duas corridas no Norte, não tem havido nada em Lisboa. Apenas num destes domingos se disputou o «Circuito de Mosca» em amadores.

A alta-se, entretanto, num circuito em «etapas» — para cerca de uma semana. As condições de hospedagem e alimentação, em todo o país, devem dificultar a organização de uma corrida com estas características. E as dificuldades de apoio são também evidentes. Pomos, todavia, o nosso desejo de que a ideia vá por diante.

AINDA ALGUNS COMENTÁRIOS

À ÚLTIMA SESSÃO DE BOX NO PARQUE MAYER

A passada sessão pugilística do Parque Mayer, durante a qual Augusto de Sousa derrotou decisivamente António de Figueiredo e cujo relato resumimos no nosso penúltimo número, convém ser, ainda, comentada.

Em primeiro lugar, título de challenger é coisa que não existe. Esta palavra inglesa refere-se à posição particular de certo jogador que, por via dos seus méritos, se coloca na frente dos melhores pugilistas da categoria e pretende medir forças com o campeão.

Augusto de Sousa e António de Figueiredo não podiam, por conseguinte, disputar o título de challenger, como se disse nos programas e reclamos, mas lutar para obter esse lugar proeminentemente.

Embora se trate, sobretudo, de uma questão de linguagem e bem dizer, achamos oportuno corrigir o deslize e explicar o modo correcto como devia apresentar-se publicamente.

Sobre a vitória de Sousa nada temos a acrescentar ao que já dissemos. Foi clara e indiscutível. Achamos, também, que foi lógica — e era esperada. Figueiredo é um jogador lento, que defende mal a linha alta, colocando o queixo à mercê dos «contras» que lhe propõem.

Quanto a Beni Levi, deve desembaraçar-se com rápidos do adversário projectado, se quiser, novamente, confirmar os seus créditos anteriores e pretensões.

Ainda durante o combate Figueiredo — Sousa notámos, em quasi todos os assaltos, que os auxiliares, quer de um quer de outro combatente, abandonavam sobre a plataforma do «ring» o balde, as garrafas, etc.

Este procedimento é irregular e perigoso. Se um pugilista tombasse no solo, para fóra das cordas, nos lugares onde os referidos objectos haviam sido abandonados, podia ferir-se gravemente.

Embora o Regulamento da F. P. B. esteja bastante antiquado (referimo-nos ao que teve publicação e que julgamos estar em vigor...) não deixa de dizer, no artigo 91.º, que «durante os «rounds» os auxiliares tirarão todos os objectos que estejam no «ring» ou aos lados», denunciando, por meio destas palavras, a interdição e o perigo do abandono de quaisquer artigos pelos auxiliares.

Também devemos chamar a atenção da autoridade policial para a subida ao qua-

ESTÁ prejudicada a realização do encontro de «handball» entre os campeões de Portugal e Espanha. O Futebol Clube do Porto foi convidado para fazer um jogo em San Sebastian, com o Esperança. Aceitou o convite. Surgiram no entanto dificuldades, por parte do clube espanhol.

Oxalá se renovam. É sempre interessante a luta entre portugueses e espanhóis no campo desportivo. Mas este jogo servia ainda para dar ideia do valor internacional das nossas equipas de «handball».

LANÇA MOREIRA, prezado colaborador da «Stadium», referiu-se, numa das suas últimas palestras desportivas no Rádio Clube Português, à falta de festivais mistos de remo e outros desportos náuticos, em praias portuguesas. Os comentários do nosso prezado amigo estão certos. As provas de remo limitam-se aos campeonatos. Passado esse ciclo, vem o marasmo. Além disso, era boa a tradição dos festivais nas praias. Algumas jornadas nacionais e internacionais em Cascais e no Estoril contribuíram, poderosamente, para a actividade dos clubes, e para a propagação de todos os desportos náuticos.

O Curia Palace Sports Clube entrou em período de grande actividade com algumas das suas grandes provas nacionais. Os campeonatos que abrem este novo período são os de «tennis». A inscrição encontra-se aberta e vai por certo merecer a atenção dos nossos melhores jogadores.

NÃO se resolveu ainda a situação interna da Associação de Natação de Lisboa — e nada nos consta acerca das outras associações regionais da mesma modalidade. Um desporto manifestamente estival é dos que vai tendo menor número de provas, na altura própria.

VOLLEYBALL

(Continuação da pág. 3)

hoje, a partir das 18.30 horas, joga-se na Estrela; sábado, das 18 horas em diante, jogar-se-á no Ateneu.

A primeira jornada comportou apenas dois jogos, porque a Promotora não pôde organizar a tempo a sua equipa e o Belenenses, que era o seu adversário designado, não aceitou a transferência que lhe foi proposta pelo presidente da Associação.

Nos encontros realizados, o Sporting de Oeiras venceu a Associação Académica da Amadora, por 15-2 e 15-9, e o Sporting de Portugal bateu o monte Pedral, por 15-12 e 15-10. A impressão geral das exhibições foi bastante agradável e espera-se com interesse a estreia do Belenenses e do Internacional, que é o favorito do torneio.

JOSÉ DE EÇA

drangulo, após as decisões, de pessoas que são meros espectadores e nada têm que ver com os sucessos que decorrem ali. Assistimos, após a vitória de Sousa, a essa «invasão», que é absolutamente interdita em todos os países, de pessoas ansiosas por abraçarem o vencedor.

Igualmente nos merece reparo o facto dos juizes, e árbitro, inscreverem resultados diferentes nos seus boletins. Um declarou Figueiredo batido por K-O técnico; outro considerou-o vencido por desistência.

Uma vez que o combate não foi até final, os juizes devem consultar o árbitro sobre a sua decisão, inscrevê-la no seu boletim e acrescentar comentários, no caso de estarem em desacordo.

Este pormenor, que não tira méritos aos árbitros, cujo prestígio nos parece necessário elevar e manter, procura uniformizar os critérios e métodos de julgamento.

Para terminar, devemos chamar a atenção para o facto de ser indispensável que, tanto os auxiliares como os árbitros, subam ao «ring» rigorosamente vestidos e não em traje civil, de passeio. O não cumprimento desta disposição, além de marcado desrespeito pelo público, pode acarretar sanções lamentáveis e desnecessárias.

NO PAÍS

ATLETISMO — Nos campeonatos do Pórtico, categoria de principiantes, efectuados na pista do Lima, ficaram vencedores: António Martins, At. Braga, 80 m. em 10 s.; Manuel Leite, F. C. P., 150 m. em 18 s.; Elói Pereira, F. C. P., 300 m. em 59 s.; Casimiro Amaral, Salgueiros, 1.000 m. em 2 m. 55 s.; Porfírio Santos, Salgueiros, 3.000 m. em 10 m. 43 s.; André Garcia, F. C. P., 85 m. barreiras em 15 s.; F. C. Pórtico, 500 m. em 48 s.; 300 m. (sem atribuição de tempo); Salgueiros, 300 m. em 9 m. 32 s.; Macieira Dias, Académico, altura com 1.º 1.º; Manuel Bizarro, Académico, comprimento com 2.º 1.º; Augusto Soares, Amaranite, vara com 2.º 1.º; Plácido Gonçalves, Académico, disco com 3.º 1.º e Armando Albuquerque, F. C. P., dardo com 3.º 1.º. Classificação por pontos: 1.º F. C. do Pórtico, 37 pontos; 2.º Académico, 24; 3.º Salgueiros, 17; 4.º Atlético de Braga, 6; 5.º Amaranite, 5.

BASKETBALL — O «team» da Companhia União Fabril ganhou o campeonato nacional corporativo. Na meia final: «Café-Fábrica de Cerâmicas Carvalhinho (Pórtico), 35-25. Final: «Café-Estatuária Artística (Colmeira), 50-39. A equipa vencedora era constituída por José Carvalho, Carlos Miraneta, João Brito, Artur Lopes, António Pereira, Francisco Pires e Jorge Freire.

FESTAS DIVERSAS — O F. C. de Alverca promoveu um festival misto, com provas de atletismo, ciclismo e handball; o Gimnasio de Alameda comemorou o seu 4.º aniversário; para celebrar o seu 8.º aniversário, a Associação dos Caçadores do Sul de Portugal organizou um passeio fluvial às lezírias do Ribatejo, com almoço de confraternização na Azambuja; o F. C. do Pórtico (também festejou o seu 38.º aniversário, com várias solidiedades, sendo entregue uma medalha ao antigo jogador Valdeamar Mota.

Entre as várias unidades da G. N. R. aquarteladas no Pórtico, disputou-se pela segunda vez a taça «Tenente-coronel Manuel Couto», num torneio que compreendia provas de tiro, atletismo (4x400 m. e péso), volleyball, luta de tracção à corda e ginástica. A 4.ª Companhia (Bela Vista) ganhou todas as provas, excepto a de ginástica, conquistando definitivamente o troféu.

GOLF — Os pares Artur Mariani Júnior — Fernando Magalhães e Albertino Cadilha — Manuel Teixeira Lopes ficaram apurados para a final da taça «Maria Manuela», torneio que se tem efectuado no Pórtico.

HÍPIASMO — No Depósito de Remota, em Mafra, disputaram-se as provas finais dos Cursos de Mestres de equitação.

NATAÇÃO — Os marinheiros do submarino «Espadarte» ganharam a maioria das provas do VIII festival promovido pela Esquadriha de Submersíveis.

Nos campeonatos provinciais da «M. P.», zona norte, ficaram vencedores: Manuel Teixeira Soares, 66 m. brucos, vanguardistas em 1 m. 5. 3/4; 65 m. «crowl» em 1 m. 17 s. 1/4; Arnaldo Monte Falcão, 33 m. brucos, infantem, em 43 s. 1/4; e Ernesto Braga, 66 m. costas, Vanguardistas, em 1 m. 16 s.

TIRO AO ALVO — Nuno e José Infante da Câmara, Carlos Nogueira, Manuel Maneira Júnior e o conde de Torrubi ganharam as últimas provas do Grande Torneio Internacional da Costa do Sol, disputadas no «Stand do Goulão, do Estoril.

VELA — Em Leixões efectuou-se uma regata para a taça «Gratidão», que foi ganha por Vilar Soares e Pedro Larocho.

NO ESTRANGEIRO

AVIAÇÃO — Há dias, em Allberg, na Suécia, um candidato a piloto, de nome Wehrmann, bateu o recórd mundial de altura em avião sem motor, elevando-se a 5.162 metros.

BOXING — Theo Medina, campeão da França do peso «mosca», conserva o título, pois bateu, recentemente, aos pontos, o candidato ao mesmo título, Etienne Ferraro.

Ike Williams, um pugilista negro, tido como nova esperança dos norte-americanos em «leves», apresentou-se em «Madison Square Garden», combatendo contra Nullo Kogon. Williams não desiludiu, quanto à fama de que vinha precedido, pois venceu facilmente, aos pontos.

O encontro entre as seleções da Espanha e da Croácia que estava marcada para o dia 22 do mês findo, parece estar definitivamente aprovado para depois de amanhã.

CICLISMO — Na vizinha Espanha disputou-se, na semana fiada, a corrida Madrid-Valencia, na distancia de 350 quilómetros, aguardada com grande interesse. A prova, porém, foi grandemente prejudicada pelo mau calor que se fez sentir — 45.º ao sol. A tarefa dos 23 concorrentes foi penosa e justifica a elevada percentagem de desistências. A ordem de chegada foi a seguinte: 1.º — Vicente Miró, em 13 h., 20 m. e 12 s.; 2.º — Sancho; 3.º — Gimeno; 4.º — Vidal; 5.º — Berrendo; 6.º — Langarica, todos com o tempo de vencedor.

ESQUÍ — Vicente Sanjaume, campeão regional (Valencia) de esgrima, conserva o seu título, pois no último campeonato, a que concorreram mais 15 atiradores, obteve excelente vitória. Mario Asensio é o sub-campeão.

FUTEBOL — O Arsenal de Londres, porventura a equipa inglesa de futebol de maior reputação, tendo ainda presente a sua má temporada de 1943, procura evitar a repetição do fracasso. E, assim, o orientador George Allison está interessado na transferência do famoso jogador Jack Dodds, avançado centro da Escócia e do Blackpool.

A maioria dos clubes espanhóis não param na ansiedade de cuidar das suas equipas, com vista à próxima temporada. E surgem notícias sensacionais, como a que anuncia que Samitier — um jogador de fama que o novo treinador do seu antigo clube, o Barcelona, Outra: Teófilo Ortiz, um jogador que nunca assistiu a um encontro da 1.ª Divisão, será o novo médio-centro do Oviedo, lugar que ocupava no Segóvia.

NATAÇÃO — A mesma equipa de nadadores argentinos que constituída por F. Neumayer, J. M. Durandona, Lindeffer e Vantorno, igualará recentemente, o recórd mundial de 4x100, estabelecido em 20 de Agosto de 1938, em Berlim, pela equipa nacional norte-americana (Hirose, Jarek, Wolf e Fick), no tempo de 3 m. 59 s. 7/10, acaba de bater esse «máximo», fazendo, agora, 3 m. 58 s. 4/10.

O SR. JOAQUIM DE PAIVA E SILVA

prestigioso presidente do ATLÉTICO fala da vida do seu clube, dos trabalhos em curso e dos que conta realizar

O sr. Joaquim de Paiva e Silva preside aos destinos do Atlético desde a primeira hora. Animador entusiástico da fusão, a sua personalidade de dirigente desportivo está altamente cotada, não só quando dirigiu o União Lisboa como durante os anos que esteve secretariando a Associação de Futebol de Lisboa.

Desportista que se tem imposto pela rectidão e inteligência das suas actividades, o sr. Paiva e Silva goza de merecido prestígio.

A sua amabilidade para com os jornalistas desportivos mais uma vez fica demonstrada pelo interesse que lhe mereceu a reportagem especial que «Stadium» dedica ao seu clube, concedendo-nos as palavras que, com segura autoridade, nos falam do Atlético.

—No momento que coligimos ligeiros apontamentos para a esplêndida revista «Stadium», que nos honra, bem como a trazer outros clubes, dedicando-nos umas quantas páginas da sua magnífica edição, conquista o Atlético, em «basketball», o Campeonato Nacional da 2.^a divisão.

«Este facto, aliado ao título de campeão regional de «rugby», também recente, tem para o clube significado especial, pois evidencia o propósito de «ecletismo» a que a agremiação se votou desde a primeira hora, consequência de todas as modalidades terem sido acarinhadas no Carcavelinhos e no União Lisboa — dois clubes que ao desporto muito deram do seu labor, da sua perseverança e do seu entusiasmo.

«É óbvio que estes desportos, de menos adeptos e parcas receitas, por muitos títulos conquistados e louvores recebidos, não dão ao clube a projecção de um organismo discutidíssimo, pois as multidões acorrem, vibram e deliram quando se lhes proporciona um bom espectáculo de futebol, do qual re-

sulte o arvorar da bandeira no mastro dos campeões. Contudo, a nossa atenção e carinho de dirigentes dispersa-se pelas várias manifestações desportivas, como aliás nos compete, embora não esquecendo de reservar o maior quinhão para o futebol, que é, afinal, digamos, a base, a pedra de toque de todos os clubes que a êle se dedicam em competição.



PAIVA E SILVA

Presidente do Atlético

«Devemos, no entanto, salientar como as obras vão tomando corpo e forma, materializando-se, não em ritmo acelerado, como desejaríamos, mas com segurança e firmeza, para não desmentirmos a confiança depositada nos dirigentes.

«O clube, por si só, não pode arcar desde já com o avultadíssimo orçamento para a modificação total do campo da Tapadinha, cujo projecto, elaborado pelo sr. engenheiro Travassos Valdez, mereceu os mais justos êncômios dos entendidos; confia, portanto, no auxílio dos poderes superiores. Se tal não se conseguir, só ao fim e ao cabo de largos anos poderemos dar por terminada a tarefa de valorização do nosso Parque de Jogos — e tarde ela beneficiará o desporto e o público, e consequentemente a expansão da causa nacional, pela qual andamos empenhados. De uma ou de outra forma, a obra de um clube que quer ser grande e útil há-de fazer-se ainda que à força de inúmeros sacrifícios.

«Por motivos que é ocioso enumerar e a seu tempo serão conhecidas, o arrelvamento do campo impõe-se, antes de tudo, e nesse sentido convergem as nossas atenções e o dedicado esforço de alguns amigos.

Relativamente à expansão do clube, de todos os portadores que importa cuidar trazemos, é claro, à

primeira linha, o de bons grupos de futebol, afinados e competentes, capazes de nos dignificar. Não nos poupamos a canseiras para apresentar categorias em boa forma e dentro das nossas possibilidades procuraremos fazer escola, se o tempo no-lo permitir.

«É sempre difícil, porém, conseguir o aperfeiçoamento das «revelações» e dos juniores, como aliás se impõe, porque o nível de vida actual, as escolas, os horários nas oficinas e escritórios, a tal se opõem terminantemente. E os clubes não podem, nem possuem garantias futuras, para assegurar os meios de manter os seus representantes, no sentido de disporem deles para preparação e treinos regulares e condicionados.

«Estamos em face de um problema difícil, paradoxal, mas felizmente resolvido em parte, porque nenhum organismo desportivo pode vencê-lo para si só, em detrimento dos restantes. E por isso marcaremos passo... sem progressão e sem atingir a profundidade desejada.

«Esclarecemos o nosso pensamento: Enquanto não houver o profissionalismo claro, preciso, sem mentiras, o futebol já jamais atingirá a craveira que a evolução natural do mundo e do meio carecem.

«Enquanto o futebolista não o fôr de facto — em competição evidentemente, e não como recreio — o desporto favorito das multidões será uma fantasia.

«Criem-se escolas de treinadores; assegure-se o futuro dos atletas quando deixem a actividade; façam-se «teams» de jogadores ao dispor do clube durante o tempo para preparação e treinos que os organismos devidamente constituídos exijam; dêem-lhes ordenados que os mantenha como jogadores, mas só jogadores, e teremos atingido o fim! Que nos perdõe a memória de Colombo — mas isto é como o seu ovo, que fica para a posteridade se divertir!...

«Entretanto, cumprimos os nossos deveres o melhor que pudemos e sabemos. Mantemos o professor de ginástica sr. Antero Varejão, que na última temporada boas provas deu da sua competência, e contratámos um novo treinador de futebol, Severiano Correia, no qual depositamos a maior confiança e nos traz esperanças de melhorar a posição do clube, relativamente à sua especialidade.

«Quanto ao que fizemos, a oportunidade de citá-lo fica para a história do futebol lisboeta — e outros com mais autoridade o repetirão um dia...

«Acentuarei, para terminar, que por nossa parte não descansamos à sombra dos louros colhidos, pois a posição alcançada trouxe-nos responsabilidades tais que é preciso ter prudência, energia e algum saber, para assegurar o futuro nos moldes já traçados. E havemos de consegui-lo!

DOIS ANOS DEPOIS DA FUSÃO

(Continuação da página anterior)

que não se poupa a esforços e auxílios de toda a espécie para ver a obra realizada. E reunindo o útil ao agradável — a piscina, em princípio projectada para o campo Manuel de Matos, junto do actual campo de «basketball» e do recinto da Verbena Parque, far-se-á antes na Tapadinha, para servir simultaneamente de tanque de regas para a relva do rectângulo de futebol.

Três nomes ficaram mais intimamente ligados à história da fusão: o tenente Alcino Pires, pelo Carcavelinhos, José Furtado Leite, pelo União, e Joaquim Paiva e Silva, espírito conciliador e de verdadeiro diplomata, que mereceu a distinção das duas massas associativas para presidir aos destinos do novo clube.

Ao lado destes, Jaime Franco, Carmo Miguel, Alfredo Viçoso e Alvaro Cardoso, merecem ficar recordados nesta breve história de clube.

Anote-se a curiosidade dos números do movimento associativo: sócios transitados para a fusão: do União Lisboa — 496; do Carcavelinhos — 1.743; total 2.239.

Sócios entrados de Janeiro a Junho de 1943: 229; de Junho de 1943 a 30 de Junho último, 1.420; total 3.888 sócios.

Na sala dos trofeus, no palácio Alarcão, em Santo Amaro, estão artisticamente dispostas, entre galhardetes e trofeus, 250 taças — duzentas que pertenciam aos dois clubes que se ligaram e cinquenta já conquistadas pelo Atlético.

FERNANDO SA



O acto que pode considerar-se como precursor da fusão de que nasceu o Atlético: o jogo para a disputa da taça «Manuel de Silva», entre o União e o Carcavelinhos, acabou empatado. O União ofereceu o trofeu ao adversário, gesto que este apreciou — e do qual nasceu a ideia dos dois clubes se transformarem num só

ALCANTARA e Santo Amaro — aglomerado valiosíssimo desta activa Lisboa — pode afirmar-se que constituem um só bairro, unidos os dois locais no mesmo frêmito de expansão, desde a praça da Armada até à Junqueira. Bairro de gente que trabalha, em labuta constante e esforçada pela produção industrial que anima esta área da cidade. O movimento das suas fábricas e oficinas, os cais marítimos e o Alto de Santo Amaro, com a sua capela dominando as docas e o rio, compõem o ambiente característico desta parte importante da capital — onde se fundaram há três dezenas de anos dois clubes de desporto que marcaram posição de relêvo no futebol nacional: o União Lisboa e o Carcavelinhos.

A missão desportiva destes dois clubes foi cumprida com assinalado êxito, com muito trabalho dependido em prol da educação física e do desporto, tomando a seu cargo valiosa propaganda — dada a sua popularidade. Mais tarde, percorridos trinta e dois anos, surgiu a ideia da fusão das duas colectividades, para mais proveitosa acção desportiva e social, não só em benefício do bairro como da população jovem de Lisboa. De tódas as «negociações» surgiu por fim o valeroso Atlético Clube de Portugal, que se nos apresenta agora capaz de levar a cabo tão magnífico trabalho que o coloca ao lado dos nossos grandes clubes desportivos.

RECORDA-SE O UNIÃO LISBOA...

Os dois clubes mantiveram sempre características idênticas de popularidade no bairro. Fundados com a pequena diferença de dois anos, a rivalidade desportiva cêdo apareceu, e se manteve, tomando por vezes foros de verdadeiro «derby» local os jogos de futebol entre União e Carcavelinhos.

O União fundou-se em 1910, ficando-lhe ligados na história do clube nomes de valiosos dirigentes, como os de Aníbal Mariz Fernandes, José Maria Amaral, Paulo Ferreira, Amaral de Almeida, Quaresma, Lopes da Costa e os Leites — como são conhecidos José Furtado Leite e seus filhos, que juntamente com Paiva e Silva ocuparam posição de destaque no período histórico da fusão.

A primeira sede do União Lisboa esteve instalada na rua dos Lusíadas; passou a outra, na travessa do Conde da Ribeira, dali novamente para um primeiro andar da rua dos Lusíadas, depois para um palacete na mesma rua e, por último, há cerca de dez anos, para o Palácio Alarcão, em Santo Amaro, onde se encontram agora instalados os serviços administrativos do Atlético, se-

DOIS ANOS DEPOIS DA FUSÃO

O ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL

sem perder as características de clube bairrista, transforma-se em valioso elemento do desporto nacional

cretaria, salas de sessões, da direcção e de taças, ginásio e pósto clínico.

O futebol foi no União o desporto número um, mas seguido muito de perto, nos últimos anos, pelo «basketball», cujo «team» conquistou magnífica posição entre todos os praticantes da modalidade. Assinala-se o movimento das classes de ginástica que o União mantinha dirigidas pelo professor Antero Varejão.

A par do seu aguerrido comportamento no campeonato de futebol de Lisboa, foi finalista de um Campeonato de Portugal e duas vezes finalista na 2.ª divisão do Nacional.

No «basketball» obteve uma vez o título de campeão de Portugal e seis vezes o de Lisboa.

Alguns jogadores de futebol se evidenciam no «team» do clube, como Carlos Silva e Liberto dos Santos, Rui Araújo, Fernando Ferreira, Jaime Rodrigues e Gregório.

O seu primeiro campo desportivo esteve instalado nuns terrenos no Alto de Santo Amaro, passando em 1929 para o campo da rua do Cruzeiro, que foi adquirido por compra, sendo portanto actual propriedade do Atlético.

...E O CARCAVELINHOS

Dois anos mais tarde que o União, em 1912, fundava-se o Carcavelinhos Futebol Clube, que logo gozou de excepcional ambiente de popularidade. Alcântara «notou» desde logo o novo clube, que alcançou no desporto português posição de relêvo, originando por vezes tardes de frenezim entre os adeptos de clubes mais notados.

As suas instalações associativas também mudaram diversas vezes de local. Da rua da Cascalheira para a de S. Jerónimo, dali para o largo do Rilvas, depois para a calçada da Tapada e finalmente para o largo de Alcântara, ocupando o magestoso edifício onde durante tantos anos esteve a popular Loja do Povo de Alcântara. Após a fusão instalaram-se ali as secções recreativa e cultural, esta dispondo de bem escolhida biblioteca, a cuja sala se deu o nome de António Faustino,

homenagem já do Atlético ao distinto desportista e dirigente alcantarense. Outros nomes, porém, se lhe juntam: os de Carlos Canuto, os irmãos Mourão, Rufino, tenente Alcino Pires, Jaime Franco, Carmo Miguel, Sousa Lino, etc.

Pela sua equipa de futebol passaram alguns jogadores de bom nome — entre eles os internacionais Carlos Delfim, Manuel Rodrigues, Gaspar Pinto, Vítor Silva e Carlos Alves.

Depois do futebol, o «basket», o atletismo e a natação mereceram ao clube particular carinho.

Em 1925 adquiria de renda o campo da Tapadinha e há sete anos inaugurava a sua Verbenha, que renovada ano após ano se apresenta actualmente melhorada e muito concorrida, sendo o ponto de reunião da família atlética.

O ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL

As duas importantes e antigas colectividades desportivas de Alcântara ligaram o seu passado desportivo dando origem ao novo Atlético Clube de Portugal. A respectiva escritura da fusão foi assinada em 18 de Setembro de 1942.

Desde então, a novel agremiação tem-se imposto por forma a merecer justas referências, honrando a acção dos clubes que a precederam.

A utilidade da fusão está à vista, através do desenvolvimento que nos apresenta o clube, não só pelo que já foi conseguido como pela soma valiosa de projectos que estão em curso, para atingir brevemente a grande obra desportiva e social que orientou o novo clube desde os primeiros momentos da fusão.

No campo desportivo, o Atlético mantém excelente actividade.

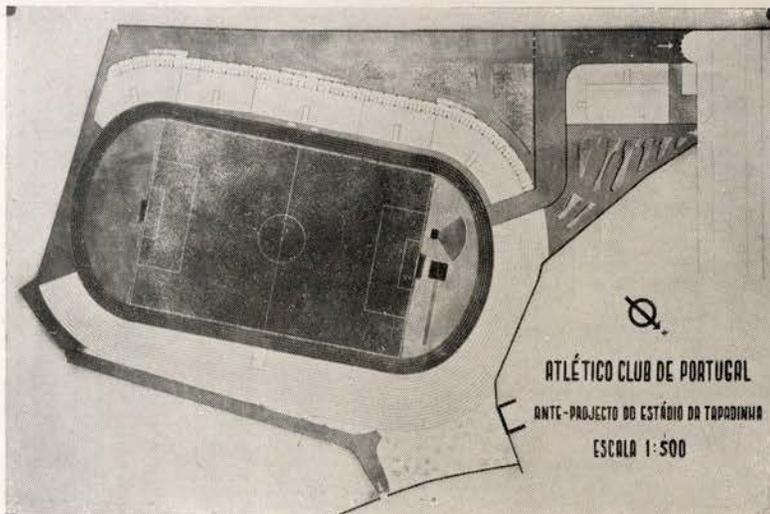
O futebol, atletismo, «basket», «hockey» em campo, natação e «rugby», movimentam centenas de atletas.

As possibilidades do clube são grandes, e os seus dirigentes, cónscios do importante papel que o Atlético pode desempenhar no populoso bairro, continuam com entusiasmo uma obra que serve admiravelmente os interesses locais e do desporto em geral. As suas características especiais de clube bairrista impõem-lhe actividade especial, no sentido de educar moral e desportivamente uma população valiosa e carecida dos amplos benefícios que o clube lhe pode oferecer. A obra grandiosa que foi projectada já saiu em parte do campo das idealizações. A ideia da fusão está já consolidada no trabalho desenvolvido e apresentado ao público desportivo de Alcântara, Santo Amaro — e de Lisboa. A utilidade da mesma fusão está bem à vista, ligando alcantarenses e santamarenses no sentimento «atlético», aliás acertado, porque todos são da mesma freguesia.

Desportivamente, o clube tem-se imposto. Na última época, os torneios oficiais de futebol receberam do Atlético uma colaboração valiosíssima, o mesmo sucedendo com o atletismo, o «basket», o «hockey» e o «rugby».

Procurar-se junto dos dirigentes do clube informações sêbre a sua actividade é tomar-se conhecimento com um vasto plano de trabalhos — em pleno e entusiástico desenvolvimento. Está neste caso o seu formoso projecto do Estádio da Tapadinha, cujas obras já começaram. E dispõe-se ainda a construir um «rink» de patinagem, a cuja construção preside o espírito empreendedor de Alvaro Cardoso. Este «rink», a inaugurar possivelmente ainda este verão, terá naturalmente o nome de Manuel Sá Esteves, o animador da ideia e valiosíssimo «atlético».

(Continua na página seguinte)



O ante-projecto do futuro estádio da Tapadinha. Na gravura notam-se as bancadas e camarotes, o anfiteatro do peão, caixas de saltos e pistas de atletismo — tudo circundando o campo de futebol. Ao alto, à direita, a piscina com as suas bancadas

O ATLÉTICO

ganhou a «TAÇA DE HONRA»

TERMINOU a época oficial de «basket». As finais da «Taça de Honra», do campeonato nacional de juniores e da taça «José Dias Pereira» encerraram esta temporada, que representa, na sua forma singela, um período de actividade com úteis repercussões no meio desportivo nacional. Esperemos pelas épocas vindouras. Os processos agora experimentados produzirão os seus efeitos, e a melhoria que a experiência foi aconselhando trará benefícios, com que certamente todos terão a lucrar — assuntos estes a debater por quem de direito, e cremos que resolvidos com felicidade, atendendo à vontade firme e esclarecida dos actualis orientadores do «basket» português.

Dignou-se a Direcção Geral dos Desportos, honrar a final da «Taça de Honra» com a presença de um seu representante, o dr. Salazar Carreira, inspector dos desportos, que distribuiu as medalhas a jogadores e árbitro, oferecidas pela F. P. Basketball.

O Belenense perdeu ingloriamente este encontro. Dominando de início com insistência e demonstrando vontade firme em ganhar, os seus avanços, transformados com felicidade, fizeram prevêr que a vitória lhe sorriria. Isto durou enquanto os nervos o permitiram. A saída de Esteves e a sua substituição por Natividade vieram criar uma situação de nervosismo e de grande desentendimento — e o afundamento começou.

Perante o ascendente que a partir dessa altura os «atléticos» começaram a tomar, o marcador principiou a ser desfavorável aos «azuis» e a diferença de dez pontos, com a qual abriu a 2.ª parte, mantida a princípio, depressa se avolumou.

Técnicamente — que valeu a partida? Um desperdício de energias, muitos choques, num jogo esmaltado por vezes de cargas que, felizmente, não trouxeram consequências dignas de maiores censuras.

Os nervos estragaram a partida, e, de parte a parte, os lances perdidos por falta de calma foram em número avultado. Os jogadores, em movimento constante — com melhor sentido de ataque por parte do Atlético — não puderam evidenciar os conjuntos que habitualmente conseguem desenhar.

Estas palavras não tiram, no entanto, brilho à vitória nem traduzem desprimor para a equipa do Atlético — que, parece, conseguiu, enfim, neste declinar da temporada, debelar a baixa de classe largamente apontada aquando do campeonato de Lisboa, erguendo-se, por meios próprios, ao nível a que a experiência e tradição lhe dão pleno direito.

Sabendo aproveitar, em tempo oportuno, o desentendimento e os deslizes da defesa adversária, conseguiram trazer para a capital, além do título de campeão nacional da 2.ª Divisão, a posse da «Taça de Honra».

Arbitragem deficitária de Mira, jogador do Maria Pia. Assistência «record».

O VASCO DA GAMA campeão de juniores

Parabens ao Vasco da Gama, não só por ter ganho o campeonato de juniores, mas principalmente, por possuir uma excelente equipa, constituída com rapazes prometedores. Grandes coisas se podem esperar deles, pois falta-lhes apenas a experiência, que só se adquire com o decorrer do tempo. Desmarcações, antecipações, bons lançamentos e esquemas — algumas das quais fazem lembrar as de Pima — tudo possui esta jovem equipa — que conseguiu, com inteiro merecimento, levar para o Porto o único título ganho nesta época por um grupo dessa região.

Observação importantíssima e feita já em tempo à sua 1.ª categoria: o uso de bebidas durante o jogo, utilizando-se agora uma única garrafa para os cinco jogadores...

A Federação Portuguesa de Futebol inaugurou na semana passada um curso de treinadores

NÃO pode haver progresso técnico, em qualquer desporto, sem haver quem o ensine bem. Esta verdade devia constituir um axioma, entre nós. Mas não tem sido assim. O trabalho principal, na formação de novos jogadores, tem sido feito de improviso, deixando-os entregues a si mesmos — à sua habilidade, às suas faculdades de assimilação. Um ou outro clube tem recorrido a treinadores. Mas as fontes de recrutamento eram os clubes da província, clubes por vezes com recursos bastantes para orientar de outro modo a sua acção. O problema de novos jogadores de futebol, como de novos atletas em qualquer outro desporto — é, sobretudo, um problema de ensino e de assistência técnica.

Tal problema foi posto em equação, especialmente pelos nossos prezados camaradas Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas, no primeiro Congresso do Futebol, organizado pelo nosso colega «O Século», no período das festas comemorativas das «Bodas de Ouro» do futebol português. Há dois anos, e ainda relativamente ao desporto mais popular, veio nova iniciativa do «Século» — um curso de treinadores organizado sob a direcção de Cândido de Oliveira. Este curso deu o primeiro núcleo de treinadores portugueses.

Coube agora à Federação Portuguesa de Futebol a vez de organizar um curso que é a primeira tentativa oficial, e à Direcção Geral dos Desportos, com um curso para treinadores de atletismo, sob a direcção do nosso distinto colaborador e novo Inspector de Desportos, dr. Salazar Carreira, com a cooperação de Fernando Ferreira, conhecido atleta do Benfica e aluno do Instituto Nacional de Educação Física. Temos muito prazer em registar estas iniciativas e este esforço oportuno e inteligente na formação de novas gerações de atletas.

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol deu relevo à inauguração do curso por ela organizado. Promoveu uma sessão solene, a que presidiu o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, ilustre Director Geral de Desportos. Secretariaram-no os drs. Bento

Coelho da Rocha e Facco Viana, da Comissão Administrativa de F. P. F., e assistiram à sessão o dr. Coelho da Fonseca, da direcção da Associação de Futebol de Lisboa, representantes do Conselho Central dos Arbitros, Comissões e Clubes, e quasi todos os alunos.

O dr. Coelho da Rocha abriu a sessão com um discurso de referência à iniciativa. E o sr. Coelho da Fonseca, pela A. F. L., elogiou a criação do curso e apresentou as saudações pela Associação.

Proferiu depois a oração inaugural do curso o nosso prezado colega de jornalismo capitão Ribeiro dos Reis, que fez uma exposição circunstanciada dos motivos por que se organizou o curso e das características da obra que lhe compete realizar. As suas últimas palavras foram de incitamento aos alunos, para que a sua acção seja mais útil.

O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro fechou a sessão com algumas considerações de elogio para o curso, professores e alunos, e a uns e outros disse que não esquecessem nunca a formação moral dos novos jogadores, desenvolvendo neles o melhor espírito desportivo.

O novo curso começou a funcionar no dia imediato ao da sessão solene. Principiou, pois, sob bons auspícios.

DE COIMBRA

O festival de inauguração da Piscina Fluvial Um núcleo em progresso

A jornada inicial de natação teve, este ano, um significado especial, a que tencionamos referir-nos em nova crónica. Os clubes voltaram a dar à natação o seu melhor esforço. Não se reconstituiu o grupo de dirigentes, sob a direcção de Manuel Gaspar. Há, porém, um bom número de valores individuais com o entusiasmo de sempre.

A boa vontade dos clubes juntou-se, desta vez, a Delegação local da FNAT. Deve-se a esta entidade a reconstituição da piscina provisória de cada ano — e tudo parece indicar que à FNAT se deva o balanço necessário para a Câmara Municipal se resolver à construção da piscina definitiva. Falamos entretanto do festival. Anotemos, todavia, que as provas assistiu o sr. eng. Higinio de Queiroz, presidente da FNAT, com os srs. governador civil substituto, dr. José Augusto Cardoso, e presidente da Câmara Municipal, dr. Alberto de Sá Oliveira.

O festival decorreu com muita animação. A Académica apresentou uma equipa numerosa, a mostrar o seu trabalho em profundidade, sob a direcção de Manuel Gaspar. Há, porém, um bom número de valores individuais nas outras colectividades.

Durval Mota, do Sport, ganhou todas as provas de iniciados — 33 metros livres, em 21 s. 2/5; 33 m. de braços, em 26 s. 6/10; e 33 m. de costas, em 27 s. 3/5. Na estafeta inter-clubes deu grande avanço à sua equipa no primeiro percurso. Paulo Moura Relvas, da Académica, confirmou o seu atletismo. Vencedor, nos 66 m. de costas, em 50 s. 3/5, e seguro nas outras. Júlio da Fonseca, da Académica, que parece ser uma revelação da época, triunfou em 66 m. de braços, com 55 s. 3/5; e Manuel Magalhães, do mesmo clube, ganhou a corrida de estilo livre, em 48 s. 4/5.

Na categoria de juniores houve mais equilíbrio entre os clubes — uma vitória para cada. A Académica ganhou os 100 metros livres, com António Santos, em 1 m. 17 s.; José Júlio de Almeida, de Santa Clara, venceu os 100 metros de costas, em 1 m. 30 s. 2/5; e José Eugénio deu uma vitória ao Sport, na prova de braços, em 1 m. 33 s. 4/5.

Luís Lopes da Conceição reparou-se em forma. Ganhou muito bem os 100 metros livres em 1 m. 11 s. 1/5; que não é muito mau para princípio de temporada. E disputou os 100 metros de costas com supremacia manifesta, a poupar-se para a estafeta. Não passou, por isso, de 1 m. 31 s. 4/5. Fez, depois, uma grande prova de 200 metros livres, no final da estafeta. José Romacinho, do Santa Clara, ganhou muito bem os 200 metros de braços, em 3 m. 20 s.

A estafeta, de 33x66x100x200 metros livres, foi ganha pela Académica, em 5 m. e 38 s., com uma equipa constituída por Guilherme Magalhães, Paulo Moura Relvas, António Santos e Manuel Gaspar. Seguiram-se o Santa-Clara, em 5 m. 31 s.; União, 6 m. 05 1/5; e Sport 6 m. 52 s.

A classificação final ficou como segue: 1.ª Académica 58 pontos; 2.ª Sport, 40; 3.ª Santa-Clara, 40 p.; União 16 p.; 5.ª Nacional, 3 p.

Isabel Raposo, Maria Isabel Costa e Maria Vieira fizeram exhibição de estilos; e Fernando e Maria Mota do Sport fecharam o festival com uma série de saltos para a água.

Nas provas entre equipas corporativas, ficou como segue a lista dos vencedores: 1.ª 33 m. livres, Cesar Nogueira (Hermann Brasão), 23 s. 1/5; 33 metros braços, António Ramos Reis (Sindicato dos Calzeiros), 26 s. 1/5; 33 m. costas, Abílio de Almeida (Ideal L.da), 30 s. 1/5; 3333 m. livres, Ideal, 3 m. 17 s. 4/5.

MÁRIO DE OLIVEIRA

A FORNECEDORA DO BAIRRO NOVO

MERCEARIA E FRUTARIA

DE

SILVINO ESTEVES MADEIRA

♦♦♦

Gêneros alimentícios de 1.ª qualidade — Azeites finos e carnes fumadas das melhores procedências.
— Vinhos finos e licores nacionais e estrangeiros.
Especialidade em chás, café, manteigas e queijos.

♦♦♦

Rua Filinto Elisio, 2-C e 2-D

Telefone 81 2040

Os casapianos mostraram-se desorientados perante adversário tão valoroso e quasi que não existiram na 1.ª parte do encontro; boa recuperação na segunda, que só foi prejudicada pela falta de lançadores, o que permitiu chegar a um resultado de tão grande diferença de pontuação: 33-17.

Excelente a sua defesa. O número reduzido de faltas que cometeu contrasta com as dadas pela dos «vascainhos», que as não evitaram para antularem as investidas do Casa Pia.

Arbitragem criteriosa de Manuel Domingues, que se compenetrou plenamente do papel de orientador de tão jovens jogadores.

Antes do Vasco da Gama-Casa Pia encontraram-se os finalistas da taça «José Dias Pereira» — Algés e Operário. Ganhou o primeiro pela diferença de um ponto (50-49), após um jogo renhido. O vencido protestou o encontro, alegando irregularidades na arbitragem.

JOÃO ASSUNÇÃO

...ros, ganha por Silveira, do Sporting



A equipa do Sporting vencedora da estafeta de 5 x 80 metros

Atletismo Os Campeonatos Nacionais de Juniores

Mário Lemos, do Benfica que triunfou na prova de saltos à vara



M. Colaço, do Sporting, ganha os 300 metros, seguido de F. Povoas, conhecido futebolista do F. C. do Porto e de A. Dias, do Sporting



Américo Pinto, do C. I. F., campeão dos 5.000 metros

A equipa do Benfica vencedora da estafeta de 3 x 100 metros



Pinto Basto, do C. I. F., campeão do disco



Fase da prova de 1.000 metros



Os três representantes do F. C. do Porto

A chegada dos 80 metros, ganha por J. Machado, do Sporting, seguido de Silveira, do mesmo clube, e de P. Dias, do Benfica



OS CAMPEONATOS NACIONAIS MILITARES

provaram o valor do trabalho educativo do Exército no adiestramento do povo português

Os campeonatos de ginástica e desportivo

O certame mais significativo dos campeonatos militares teve a concorrência das equipas apuradas nas cinco Regiões Militares, cada uma delas depois de haver prestado provas em competência com inúmeros agrupamentos das unidades regionais, numa actividade que movimentou todo o País e afirmou a expansão de trabalho preparatório que não é favor interpretado como verdadeira obra educativa de envergadura nacional.

O concurso foi muito renhido e a diferença que separou as equipas relativamente escassa; pode dizer-se que todas foram aprovadas «em nome descrepantur» em mérito absoluto e que o juri decidiu depois, segundo o seu critério, em mérito relativo.

Não conhecemos profundamente o espírito do regulamento de classificação, mas pela sua letra deduz-se o seguinte: o concurso consta de quatro provas com classificação independente, cujo vencedor conta 1 ponto, o imediato 2, etc.; a classificação final é deduzida pela menor soma de pontos nas quatro parcelas.

Na apreciação do esquema de ginástica educativa, Infantaria 9 (Porto) levou a palma, sobre Telegrafistas (Lisboa); Cavalaria 1 (Elvas) e Infantaria 10 (Aveiro) empatados; Pontoneiros (Tancos) ficou em último lugar, pelo que devia contar, segundo a lógica, 5 pontos e não 4, como lhe foi atribuído.

Mais extraordinária parece ainda a atribuição de 2,5 pontos ao quarto classificado na prova de aplicação militar; por isso dissemos que não conhecíamos o espírito do regulamento que, à face destes exemplos, com certeza alarga e altera a simplicidade taxativa da respectiva letra.

A lição apresentada pela classe de Infantaria 6 foi de textura e complexidade muito superior à dos restantes competidores; esquema de classe especial, que parece paradoxal dentro dos tempos normais de instrução ginástica de soldados com três meses apenas de incorporação. A classe foi incontestavelmente a «muito melhor», mas deixou no nosso espírito uma dúvida: se haveria interpretado com rigor as normas regulamentares, porque não parece possível conseguir tão brilhantes resultados em tão curto espaço de tempo e com homens sem prévia preparação, sem a insistência aturada de trabalho de especialização.

Julgando, porém, apenas pelo valor comparativo das exhibições, a classe da unidade portuense salientou-se, longe das competidoras.

No entanto, a de Telegrafistas foi muito correcta no cumprimento ortodoxo do esquema imposto, o mesmo se podendo afirmar — embora com menor firmeza — acerca dos outros participantes.

Na prova de saltos ficaram os Telegrafistas em número um — e nada mais há a dizer; em segundo lugar, iguados, ficaram os regimentos de Cavalaria 1 e Infantaria 6; os ginastas de Cavalaria foram bastante mais correctos, sobretudo no importante pormenor da saída e da queda, sempre equilibradas, mas os infantes manifestaram maior eclétismo nos saltos facultativos — e isso deve explicar o empate concedido e razoável.

As exhibições de exercícios de aplicação militar foram muito aproximadas de valor e por isso mesmo se compreende a dificuldade do juri em classificar os concorrentes, mas não compreendemos os dois pontos e meio do quarto classificado (que pelo menos deviam ser três, em harmonia com o critério seguido para os saltos), tanto mais que ao imediato foram atribuídos quatro pontos.

O percurso de obstáculos, feito desta vez sem espingarda, diminuiu naturalmente os tempos feitos nos precedentes concursos; o mínimo de Artilharia Pesada 1, que era de 9 m. e 59 s., foi descido, pelo pelotão de Telegrafistas, para 9 m. e 16 25.

A impressão geral deixada pelo campeonato de ginástica foi excelente, reconfortante garantia de um trabalho em profundidade de in-

calculáveis benefícios para o futuro do exército, interprete avalizado do coeficiente rácico da Nação.

As variadas competições desportivas dinamizaram muitas centenas de homens e decorreram, na generalidade, com grande entusiasmo e boa classe desportiva.

O programa é bastante vasto e inclui, além dos desportos mais directamente ligados à profissão militar, como o tiro e a esgrima, quasi todas as modalidades praticadas entre nós: natação, «basket», «handball», «volley» e corta-mato. Inexplicavelmente, continua, porém a desconhecer o atletismo, como se fosse modalidade secundária ou que aos soldados não traja vantagens.

É escusado enaltecer as virtudes da prática dos exercícios de corrida, salto e lançamento; seja qual for o aspecto por que se considerem, a sua falta no programa de actividades desportivas militares é uma deficiência importante, que por certo desaparecerá em breve.

Em todas estas provas da semana, a Guarnição Militar de Lisboa talhou para si a parte de leão; a Escola Prática de Administração Militar, com o concurso precioso de Mário Simões, ganhou o torneio de natação; Cavalaria 2, de cujo grupo faziam parte alguns elementos do Atlético, venceu a prova de «basket»; e Sapadores de Caminho de Ferro arrancaram aos representantes do Porto o campeonato de «handball»; os corredores da Artilharia Ligeira 3, com o sportinguista Garnacho e três benfiquistas, conquistaram a classificação colectiva no corta-mato; finalmente, os soldados da Base Aérea 2 e os sargentos de Metralhadoras 1 ganharam os torneios de «volley» nas suas categorias.

Os representantes das Regiões Militares visitantes apossaram-se apenas de dois títulos: Cavalaria 4, de Santarem, ganhou o concurso de tiro, e os oficiais da Base Aérea de Tancos, cujo mais forte esteio foi Serpa Pimentel, triunfaram no campeonato de «volley», que

A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA

e os antigos estudantes de Coimbra

A Associação Académica de Coimbra constitui um caso especial no desporto lusitano. É, pela sua estrutura, uma associação escolar que engloba, entre as modalidades que orienta, a prática dos desportos. Tem pois por base o agrupamento de estudantes para fins de assistência, cooperação e solidariedade. Não é exclusivamente um clube desportivo. Tem um objectivo mais elevado. É uma agremiação de classe, para tudo o que respeita a essa mesma classe. Tem uma missão educativa a cumprir. E vive em grande parte do entusiasmo dos seus sócios.

Este facto serve para lhe dar uma característica pouco vulgar, entre nós. Temos, porém, de considerar ainda duas coisas: talvez que um pouco pela força imperiosa das circunstâncias, mas bastante porque na escola se criam em geral as maiores afeições extra-familiares, a Associação Académica de Coimbra é, também, para o desporto, como noutros aspectos da sua actividade, uma colectividade post-escolar — e a passagem pelos estabelecimentos de contribuições de ensino deixam, em todos os estudantes, um rastro profundo de saudade, que se projecta pela vida fora. O problema desta afeição por Coimbra tem sido já ventilado, mesmo naquela cidade, por alguns dos seus vultos de destaque. Não se sabe por que é assim, mas é assim mesmo. Coimbra não esquece facilmente a quem por lá andou estudando.

A Associação Académica de Coimbra tem, na sua estrutura, uma das causas da irregularidade das suas equipas e das suas atletas. Os jogadores são estudantes e, como regra, não prolongam a sua prática de desportos além da conclusão de um curso superior. Por outro lado, a afeição por Coimbra contribui para o ambiente de simpatia que a Académica encontra em toda a parte. E entre estes dois polos que se desenvolvem a sua acção no desporto. Em tudo se nota, porém, o entusiasmo próprio das populações académicas.

A Associação Académica, encontrando, quando em luta nos campos de desportos, um ambiente de simpatia que dá à equipa notável poder de realização, nem sempre encontra, por parte de quem passou pela Lusa-Atenas o auxílio material que lhe pode prestar. É uma colaboração essencialmente moral, ou tónica, passe o termo. E seria no entanto interessante dar relevo e consistência a essa colaboração post-escolar. Bastaria que cada antigo estudante de Coimbra se fizesse de novo sócio da Académica, para que a mesma pudesse desempenhar uma função mais completa.

Julgamos por isso oportuno lançar uma campanha nessa sentido. A todos os referidos ex-alunos se destinam estas considerações. Constituem um apelo, sincero, vibrante, veemente. A Associação Académica de Coimbra precisa do auxílio de todos os amigos da cidade e do desporto — mas precisa sobretudo do auxílio dos antigos alunos. O passado, que é uma força quando em movimento, tem de auxiliar o presente, na preparação do futuro!

teve a mais emocionante das finais pelas alterações sucessivas de vantagem na pontuação e pela incerteza prolongada das jogadas em busca dos últimos pontos.

SALAZAR CARREIRA

CAMPEONATOS PENINSULARES DE REMO

A pior solução que se poderia encontrar para os Campeonatos Peninsulares de Remo seria exactamente... suprimi-los. Sabe bem felicitar, louvar, exaltar — quando é de justiça. E de justiça é, na verdade, reconhecer como excelente a obra que a Federação tem realizado.

Estes dois períodos, completando-se, levam-nos a concluir que a entidade máxima do remo nacional procurará, de-certo, vencendo todas e quaisquer dificuldades, venham elas de onde vierem, organizar as regatas peninsulares, com tudo o que elas representam como estímulo para o remo português, e tornando-as outrossim tradicionais entre os dois povos vizinhos, entre dois povos que vivem à beira da água.

Já não se nos afigura necessário encarecer o remo como um dos mais belos e dos mais indicados desportos para nós, portugueses. Inútil e até despropositado seria, neste momento, estudar o assunto sob tal aspecto, tão certo é pretendemos agora frisar unicamente a conveniência de não se interromper um acontecimento que, ganhando foros de histórico nos anais desportivos, ia conquistando o interesse das gentes peninsulares.

Certas competições entre os dois países causam enorme expectativa, por vezes, entre as massas desportivas, e nulo entusiasmo entre as restantes camadas populacionais. Com o remo, o caso é um pouco diferente. Toda a gente se interessa mais ou menos pelas regatas. Salvo as devidas proporções, com os Campeonatos Peninsulares começa a verificar-se o fenómeno — e agora salamos no tocante a Portugal — o que se passa na Inglaterra com o Oxford-Cambridge.

Salvo as devidas proporções — dissemos

— e lembramo-lo aos leitores. Não vale, pois, sorrir...

Pelo menos na província, em grande parte da província, é assim e assim mesmo.

Há, pois, que aproveitar o balanço tomado, há que continuar, assim, fomentando, e da mesma decisiva maneira, o progresso do remo português. Para tal, nada melhor, presente, do que os Campeonatos Peninsulares.

Ter a honra de correr, em representação de Portugal, ao lado dos nossos vizinhos da Espanha, eis a maior aspiração de todo o remador, eis o melhor incentivo para o trabalho persistente e metódico de todos os clubes.

Presumivelmente, são os encargos financeiros que mais pesam na balança. Mas dado o enorme interesse que suscitam as regatas e o que de benéfico representam para o desenvolvimento do remo entre nós, não deve ser impossível aos membros da Federação, a quem não falta prestígio, conseguir das entidades oficiais o auxílio desejado e imprescindível.

A acrescentar a tudo isto, temos ainda o facto de se verificar nivelamento de forças, o que, não tornando as competições mais desportivas, as torna no entanto mais interessantes, bastante mais belas.

Há tempo ainda, felizmente, para estudar o problema — e para remover dificuldades, por maiores que sejam. A linha de continuidade no trabalho da Federação não deve ser quebrada.

O desporto nacional não pode também circunscrever-se a uma espécie de competições caseiras — deve, sim, procurar competir com o estrangeiro e servir, de tal guisa, o nome de Portugal.

JOÃO SARABANDO

Crise no Académico?

Segundo as nossas informações, os directores do Académico F. Clube pediram, por motivos particulares, a cessa dos seus lugares na gerência desta colectividade. Há, no entanto, quem pretenda filiar o acontecimento em razões de ordem especial. Fala-se na constituição de uma comissão administrativa para orientar o grupo do Lima até às próximas eleições.

As grandes provas de remo

Com a colaboração de outros clubes da especialidade, o Sport e o Fluvial realizam, no próximo mês de Agosto, as grandes provas de remo a disputar no rio Douro. Pela qualidade e quantidade de trofeus em litígio é possível que as margens do nosso rio sejam ocupadas pelos simpatizantes dos clubes que entram na competição — e por todos aqueles que têm ainda pelo remo certa adoração especial...

Torneio da «Costa Verde» em «volleyball»

Proseguindo infatigavelmente no seu programa de organização de propaganda, a Associação de «volleyball» vai fazer disputar — se é que não se iniciou já quando esta nota for publicada — um torneio entre as praias da nossa costa, desde Matosinhos e Leça até Espinho — a chamada Costa Verde. O torneio far-se-á entre grupos de banhistas, disputando-se depois a final entre os vencedores de cada praia, conforme o regulamento que está a ser elaborado.

O fim que se pretende atingir é de fazer interessar nesta modalidade o maior número de pessoas, praticantes ou simpatizantes. O movimento de valores e dedicações pelo «volleyball» aumenta.

A razão de um protesto...

Não vamos fazer crítica, nem vamos pretender discordar do que foi resolvido pelo Conselho Técnico da Associação de Handball do Porto. Vamos, somente, referir factos, conforme nos foram narrados:

O jogo de passagem de 2.º entre o campeão da 2.ª divisão regional — Salgueiros — e o último classificado da 1.ª divisão — Sport Clube do Porto — foi anulado. Diz-se que um dos motivos, ou o principal motivo, foi o facto de um juiz de linha ter entrado no terreno, com o jogo suspenso, a fim de lembrar ao árbitro que estava no fim o 1.º tempo de jogo regulamentar.

Ora no jogo de repetição — afirmam-no testemunhas idóneas — com o jogo a decorrer, entraram no terreno delimitado uns exemplares de gado lanígero, que o guarda do campo se apressou a enxotar do rectângulo, já se vê, com transposição das respectivas linhas de marcação.

Desta vez não houve recurso e o jogo, por consequência, não foi anulado. O caso prestava-se a certos comentários. Por nossa parte, limitamo-nos a assinalar os factos...

Uma fusão?

Diz-se nos meios afectos à respectivas colectividades que o «Galitos» e o «Desportivo da Foz» vão encetar negociações a fim de fazerem uma fusão entre si. Dêla resultaria o ressurgimento do velho «União da Foz». Não se sabe como será recebida a ideia pelos associados das duas entidades desportivas. Desta reunião de valores só viria bem para o desporto. Oxalá que esta notícia se confirme, pois, o desporto receberá desse facto um reforço apreciável. É preferível um clube com vida desafogada a dois organismos com deficiências de toda a espécie.

O Aniversário do Futebol Clube do Porto

O 38.º ano da fundação do F. C. do Porto — dos mais valiosos clubes do norte de Portugal — está sendo comemorado com grande esplendor, com um programa de organização a denotar cuidadosa factura.

Um a um, os respectivos números solenemente passado, afirmando a vitalidade do clube em festa, congregando em seu redor a innumera falange de associados e simpatizantes, no total de alguns milhares, entre residentes na cidade do Porto e de fora.

Não podemos, por impossibilidade, referir aqui, um a um, todos os aspectos dessas comemorações. Preferimos antes assinalar o seu cívico e brilhante feitio, falgar irradiações que se espalha e cobre toda a cidade, todo o norte — para quem o F. C. do Porto é o expoente máximo e lídimo da glória desportiva nortenha.

É dever nosso distinguir o conjunto directivo do clube «azul-branco», à frente do qual se encontra a figura simpática do dr. Cesário Bonito, Dirigente de carreira, antigo praticante, e preciso fazer para as necessidades do seu organismo, das deficiências técnicas e daquilo que é indispensável para que o clube singre, em maré alta de entusiasmos, sem desequilíbrios prejudiciais para a sua marcha, o presidente da direcção do F. C. do Porto tem a rodé-lo um conjunto de valores de largos conhecimentos, de dedicação provada, dotados de vultosa fé, que é preciso fazer para que o F. C. do Porto volte a ser o que foi há anos — o expressivo baluarte do futebol nortenho, o artefacto contra o qual se desmantelavam os grandes grupos de além fronteiras, representante do valor do futebol nacional.

Há que repór o F. C. do Porto no seu lugar passado; há que batalhar, lutar com afinco e diligência para que os tempos aureos regressem.

Que estas comemorações festivas saia o espírito de união que leve o F. C. do Porto ao grau de apogeu e de valor intrínseco que assumiu outrora! São os nossos fervorosos votos.

ATLETISMO

Notas e Comentários à cerca do Campeonato Regional de Juniores

por Eduardo Soares

SÃO campeões regionais de «juniores» em 1944: 80 metros, José Romero, F. C. P., 9 s. 1/10; José Romero, F. C. P., 1 s. 1/10; 150 metros, Fernando Póvoas, F. C. P., 1 s. 1/10; José Romero, F. C. P., 17 s. 2/10; 300 metros, Fernando Póvoas, F. C. P., 39 s. 1/10; (Sebastião Pereira, Braga, 39 s.). 1.000 metros, Elísio Silva, Salgueiros, 2 m. 52 s. 2/10; (Francisco Coutinho, Académico, 2 m. 49 s. 1/10); 3.000 metros, Artur Fernandes, F. C. P., 9 m. 35 s.; (Francisco Coutinho, Académico, 9 m. 38 s. 1/10); 800 metros barreiras, José Pinho Louca, Académico, 14 s.; (Gérard d'Alexandry, Académico, 13 s. 2/10); 5.000 metros, F. C. P. — Póvoas, Abreu, Eloy, Oliveira e Romero — 47 s. 2/10; (Académico — Nelson, Dário, Neves, Beato e Almeida — 48 s. 1/10); 3.000 metros, F. C. P. — Eloy, Romero, Póvoas — 1 m. 58 s.; (F. C. P. — Landolt, Romero, Póvoas — 2 m. 2 s.). 3.000 metros, F. C. P. — Abel, Castelo Branco, Leitão — 9 m.; (Académico — Laurentino, Burnay e Coutinho — 9 m. 57 s.). Altura, José Macieira Dias, Académico, 1 m. 605; (Gérard d'Alexandry, Académico, 1 m. 600). Comprimento, Manuel Bizarro, Académico, 6 m. 216; (António Landolt, F. C. P., 6 m. 20). Triplo-Salto, Manuel Bizarro, Académico, 12 m. 40; (Gérard d'Alexandry, Académico, 12 m. 38). Vara, Eduardo Oliveira, F. C. P., 2 m. 790; (David Severina, F. C. P., 2 m. 790). Dardo, Armando Albuquerque, F. C. P., 35 m. 27; (Martins Abreu, Braga, 35 m. 20). Disco, Fernando Ferreira, F. C. P., 27 m. 30; (Gérard d'Alexandry, Académico, 27 m. 35). Péso, Nelson Gomes, Académico, 12 m. 98; (Gérard d'Alexandry, Académico, 12 m. 84). Martelo, Dário Tamegão, Académico, 22 m. 30; (Waldemar Faria, F. C. P., 22 m. 20).

Entre parêntesis mencionamos os campeões e os seus resultados em 1943.

Não será necessário repetir que o nosso propósito é colaborar abertamente na obra de ressurgimento do atletismo nortenho — que depois de três épocas «sombrias» parece querer regressar ao ambiente de franco progresso em que já viveu. A insistente e construtiva campanha em favor da modalidade que, sem desfalco, a nossa Revista desenvolveu durante meses consecutivos, nas suas colunas; a organização de um torneio que levámos a efeito e que ficou memorável; e a maneira carinhosa como recebemos os novos dirigentes da A. P. A. — constituem, no seu todo, demonstração inofensiva desse salutar propósito. Por isso mesmo, a nossa situação colocou-se perfeitamente «vontade e dá-nos até esse direito» — para falar com toda a clareza acerca da organização do primeiro campeonato oficial da temporada que, diga-se desde já, não mereceu agradável classificação, apesar, sublinhá-se, da manifesta boa-vontade dos novos dirigentes da A. P. A. Parece-nos, até, que ao falarmos desasombadamente, sem falsos os factos, por amizade ou na mira de posições vantajosas, os numerosos feiços ao programa que tratámos desde a primeira hora — e que contribuímos, mais uma vez, para o progresso do nosso atletismo. Além de tudo, compete à crítica consciente a missão de orientar, apontando os erros e exaltando as virtudes com toda a imparcialidade.

A organização dos campeonatos de «juniores» não esteve bem e alguns factos se verificaram que é necessário evitar de futuro. O primeiro de todos, por exemplo, só começou 45 minutos depois da hora marcada, o que deu motivo a manifestações de desagrado por parte do público — aquêle «bom» público do Porto, que nunca falta às reuniões de atletismo. É preciso que os programas se cumpram escrupulosamente, não só por questão de disciplina, senão a qual nenhuma modalidade poderá impor-se por direito de superioridade, aquêle que paga o seu bilhete para ver atletismo, pois a modalidade não dispõe de tão numerosa assistência que possa dispensar qualquer espectador mais exigente. Fora também anunciado que só seria permitida a permanência na pista aos membros do júri e aos atletas em competição, notícia que nos agradou deveras, mas infelizmente verificámos que o referido local não deixou de ser invadido, a cada passo, por atletas e pessoas estranhas ao júri — todas se permitindo, até, discutir com os juizes de chegada as suas decisões. Depois disto, tivemos ainda morosidade enervante no decorrer das provas, o que fez com que os programas terminassem tardísimos. E por último, sem deixarmos de elogiar e agradecer o espírito de boa vontade que nos assegurou a chegada de transmitir as informações ao público e aos atletas, não podemos deixar de o aconselhar, por outro lado, a ser menos prolixo nos seus dizeres e a deixar de «pedir por favor», três e quatro vezes, que os atletas respondam à chamada da prova que se segue. Tudo isto são pormenores que parecem não ter importância para muitos, mas que influem muito e indubitavelmente «ordem» que deve presidir a uma reunião de atletismo.

Temo-nos referido a factores de organização. Falamos agora dos de ordem técnica, em que o júri cometeu certo erro. A propósito, convém falar da necessidade que existe de se criar uma escola de juizes de atletismo, a exemplo do que se faz com o futebol e tantas outras modalidades desportivas. Entre nós, qualquer pessoa está à altura de julgar uma chegada ou cronometrar uma corrida... É por isso mesmo que muitas vezes os Regulamentos deixam de se cumprir. Nos campeonatos a que nos referimos, por exemplo, fizeram atropelos a que está regulamentado, que só se justificam por desconhecimento absoluto das leis.

A classificação do atleta do Salgueiros, no último percurso da estafeta de 3.000 metros não se compreende, visto que o referido atleta, quando faltavam 60 metros para terminar a prova, fez obstrução e de qualquer forma dificultou o progresso do seu adversário, que foi arrastado da 2.ª pista, onde iniciou a embalagem final, para

a 6.ª, onde terminou a corrida. Diz a 15.ª Lei dos Regulamentos Técnicos da Federação: «Qualquer concorrente que empurre, se atravesse, fazendo obstrução, ou de qualquer forma dificulte o progresso de outro concorrente, ou que corra com manifesto desinteresse, será eliminado da prova, não receberá os prémios a que tiver direito e perderá as classificações que tiver obtido». Ora o atleta do Salgueiros estava sujeito ao castigo que esta Lei impõe — e como se trata de um principiante, só teria a lucrar com a lição que o júri não lhe soube dar...

Foram estas as deficiências que mais feriram a nossa atenção e se a elas nos referimos fazêmo-lo dentro do nosso papel de crítico, e sem outro propósito que não seja o procurar evitar que elas se repitam. A frente da A. P. A. estão, sem dúvida, pessoas muito honestas e trabalhadoras, que, numa semana apenas, deram já mostras cabais do que pode o seu espírito de sacrifício e do que vale a sua dedicação à modalidade. São dignos, por isso, dos nossos louvores.

Apesar do prego das entradas ser demasiado elevado, o público não deixou de comparecer em grande número — o que prova que o atletismo continua a merecer o carinho e o interesse dos nossos desportistas. É exactamente esse interesse e esse entusiasmo que é preciso saber manter, organizando reuniões que decorram em ambiente de ordem e de disciplina.

Os clubes, por sua vez, também corresponderam ao esforço desenvolvido pelos dirigentes da A. P. A. — e cada um deles, de harmonia com as suas possibilidades, apresentou equipas formadas por elementos jovens e com muito bom futuro, o que garante a renovação da «população praticante», base indispensável para o progresso do atletismo português.

O F. C. do Porto, como se sabe e como se esperava, dominou em absoluto, e teve o merecido prémio de quem cedo começou a trabalhar. É de louvar o interesse que aos dirigentes do clube da Constituição está a merecer o atletismo — interesse que deve servir de exemplo às restantes colectividades. O Académico, por sua vez, não correspondeu aquilo que as suas responsabilidades impõem; é de desejar que dêe volte, em breve, a dedicar à sua acção atlética o interesse que ela, por todos os motivos, merece de sobejo. Perdeu pela primeira vez, o clube do Lima, um campeonato regional de «juniores». Oxalá, para bem da modalidade, que este facto sirva de incentivo para o futuro. Com uma pista admirável e com um técnico da categoria de Roberto Machado, o Académico possui todas as condições para rivalizar com o F. C. do Porto, colectividade que embora lutando com a falta de instalações próprias, soube trabalhar uma equipa que dá francas esperanças.

Também são dignos de referência especial os briosos rapazes de Braga, que só à custa de enormes sacrifícios conseguem vir até ao Porto para disputar os campeonatos. Não estiveram felizes nestas provas — a sua equipa vale muito mais do que se pode julgar através da classificação que obteve), mas nem por isso o entusiasmo dos bracarenses pelo atletismo arrefeceu. A prova está a actividade dos dirigentes locais para um importante torneio que, sob o nosso patrocínio e sob a nossa orientação técnica, conforme já anunciamos, se vai realizar por iniciativa do Académico de Braga, onde Sá Lima, desportista incansável, tem realizado obra de valor.

Do Salgueiros, diremos que cumpriu também o seu lugar e que nos deu mais uma vez a certeza do seu interesse pelo atletismo. Sem orientador técnico durante longos meses — afastado por motivos de saúde — os jovens salgueiristas não se apresentaram em perfeitas condições, mas souberam lutar com desportivismo — o que é sempre digno de louvar.

Expumantes naturais
Vinhos comuns e aguardentes
Licor de super-finos. Xaropes e aperitivos

CAVES IMPERIO
PROPRIEDADE DA
Imperial Vinícola, L.da
PRODUTORES E EXPORTADORES
SANGALHOS—(Portugal)
[fone: 22
Tele: 4 gram: IMPERIAL]

Tabacaria União de
ZUZARTE ALVAREZ, L. DA

4 — Rua Luis de Camões, 6
Telef. 81 560 — LISBOA

Tabacos, Lotarias, artigos de papelaria, Perfumaria, Águas minerais, refrescos, valores selados, malas de senhora, jornais, ilustrações, etc.

Os Campeonatos Nacionais Militares



1 - O «team» de Separedos do Caminho de Ferro que conquistou o campeonato de «handball»; 2 - De pé, os representantes do R. Cavalaria 3, vencedores do campeonato de «basket»; no 1.º plano, o outro finalista R. Artilharia 1; 3 - Infantaria 6 numa fase da prova de ginástica de aplicação militar; 4 - O componente da equipa de Artilharia 3 vencedor individual do «corra mata»; 5 - A equipa daquela unidade, que triunfou colectivamente

INAUGUROU-SE A PISCINA FLUVIAL DO MONDEGO

À esquerda, aspecto dos 100 metros livres de seniores, ganhos brilhantemente por Luis Lopes da Conceição; à direita, Maria Vieira, da Académica, Ilda Raposo, do Unhão, e Maria I. Costa, do Sport, ao içarem no mastro de honra as bandeiras nacionais da F. N. A. T. e da Associação de Nataçao de Coimbra.



A SEMANA ATRAVÉS DA OBJECTIVA



BASKETBALL: 1—O grupo do Atlético Clube de Portugal, vencedora da «Taça de Honras»; 2—Os jovens representantes do Vasco da Gama, do Porto, que conquistaram o campeonato nacional de júniores; 3—A equipa do Algès e

CHAPÉUS E BONÉS *Jone*
UNICO FABRICANTE
R. Presidente Arriaga, 42—LISBOA



É a marca que eu vou usar em bonés
IMITÁVEIS MAS INCONFUNDÍVEIS

À venda nos melhores Chapelarias do País e nos bons Estabelecimentos da Especialidade

Dafundo vencedora da taça «José Dias Pereira». **CICLISMO:** 4—A posse dos corpos directivos da Associação de Ciclismo do Sul. **TIRO AOS FOMBOS**—Ainda o torneio internacional do Estoril; 5—Os vencedores do «Grande Prémio, dr. Jacinto Lopes e D. Victor Sarasqueta»; 6—Carlos Nogueira, que conquistou a «Taça de Ouro» (Estoril); 7—José Infante da Câmara, vencedor da taça «Casino do Estoril»

CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas?—mende fazer outras na

CASA DAS CHAVES

Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3

(Frente ao Cinema) • Telef. 28650



A equipa do I. S. Técnico

venceu o torneio de apuramento da Zona Sul e disputa amanhã, na Curia, a final do Campeonato de Portugal

O «ténis» lisboeta registou na última semana franca animação, graças ao torneio de apuramento do vencedor da «Zona Sul», com vista ao Campeonato de Portugal Inter-clubes (2.ª categoria).

Cinco clubes denunciaram a sua aspiração de ir à Curia disputar, contra a melhor equipa do Porto, a taça «Rodrigo de Castro Pereira». Aproveitando os seus melhores elementos. Internacional, Sporting, Técnico, Estoril e C. I. T. encarregaram-se de fornecer quatro animados encontros. Os jogadores mais em evidência na segunda categoria não faltaram à chamada e agora, em melhor forma, pelo treino provocado pelos campeonatos individuais, conseguiram proporcionar exhibições de agrado.

Convém, para a história da prova, indicar os resultados que se verificaram:

Eliminatória — Estoril, 3 - Internacional, 2; Meias-finais — Técnico, 5 - C. I. Ténis, 0; Sporting, 4 - Estoril, 1; Final — Técnico, 4 - Sporting, 1.

Chegaram, na verdade, à última «ronda» do torneio as duas equipas que se apresentavam melhor apetrechadas para defender as cores do «ténis» lisboeta, na final de amanhã, na Curia, contra os valorosos nortenhos do Labor-Ténis da Poz.

E também, na verdade, a vitória final veio a pertencer à equipa que, embora vivendo muito do valor de um elemento, se mostrou melhor.

Do que não restam dúvidas é de que esta prova continua a ser a mais discutida do

«ténis» nacional, desde que se cuida da constituição das equipas até que o grupo vencedor entrará na posse, por um ano, do magnífico troféu instituído.

Porque o espaço não sobra, temos de limitar as nossas referências ao comportamento das equipas concorrentes. É natural que comecemos pelo vencedor — o I. S. Técnico. José da Silva, utilizado no 1.º singular, no 1.º par e no «misto», teve acção preponderante na vitória final da equipa. Embora não nos tivesse ainda desfeito a impressão de que está a jogar menos do que no declinar da época finda, comportou-se excelentemente, em especial no encontro da final, contra Marques Rosa — porque, na meia final, contra Cunha Rosa, não teve de empregar-se a fundo. Em «pares-homens», ao lado de Fernando Frade, contribuiu para duas vitórias fáceis. Não é impune que se é campeão de Lisboa.

Fernando Frade, depois do fracasso em frente de José P. Gaivão, no «individual», excedeu as previsões mais optimistas e obteve duas boas vitórias sobre M. Vinha e Henrique Cunha. A última é mais de focar.

José Talone e David Cohen só se exibiram em «pares». Foram batidos uma vez por C. Costa e Marques Rosa, mas nunca se inferiorizaram. O primeiro esteve melhor que o segundo — e o contrário é que seria de admirar...

Maria Amélia Condeixa pareceu-nos pouco à vontade, não obstante ter actuado sempre quando a vitória da equipa era já certa.

O Sporting, com a equipa que dispôs de mais gente, mereceu bem a sua presença na final do torneio de apuramento. Marques Rosa (ex-Algés e Dafundo) foi, quanto a nós, o elemento de maior regularidade. Mostrou-se mais calmo. Henrique Cunha é ainda adversário difícil, mas a sua derrota em frente de Frade permite pensar que o prolongado afastamento lhe tirou valor.

Carlo Costa, José Pedro Gaivão e F. Mendes de Almeida estiveram dentro das suas possibilidades. O «misto» foi batido nos dois encontros, mas de ambas as vezes com resultados que não deslustram.

Falemos, agora, do Estoril e dos dois Internacionais.

O primeiro voltou a provocar reparos pela inclusão de estrangeiros na equipa. No fim apareceram Ortu, Collet, Curtis e miss Peggy Brizes, afinal tão nossos conhecidos. E Lowden — a incognita da equipa — não desmanchou o conjunto. De resto, a derrota por 1-4, em frente dos «leões», justifica bem que os dirigentes estorilenses foram probos. Orton e Peggy, como das outras vezes, os elementos mais em evidência; Collet e Curtis, normais.

O Internacional da Estrêla viveu do esforço dos jogadores mais dedicados: Rui Pereira, Marques de Mendia, Júlio Bastos e Joaquim Nunes dos Santos. E aproveitou o concurso da esperançosa Joyce Tait. Com as baixas de José Silva, Prata Dias, Azevedo Gomes e M. me Gurrêa, não se podia exigir muito mais. Rui foi o melhor elemento da equipa, jogando excelentemente.

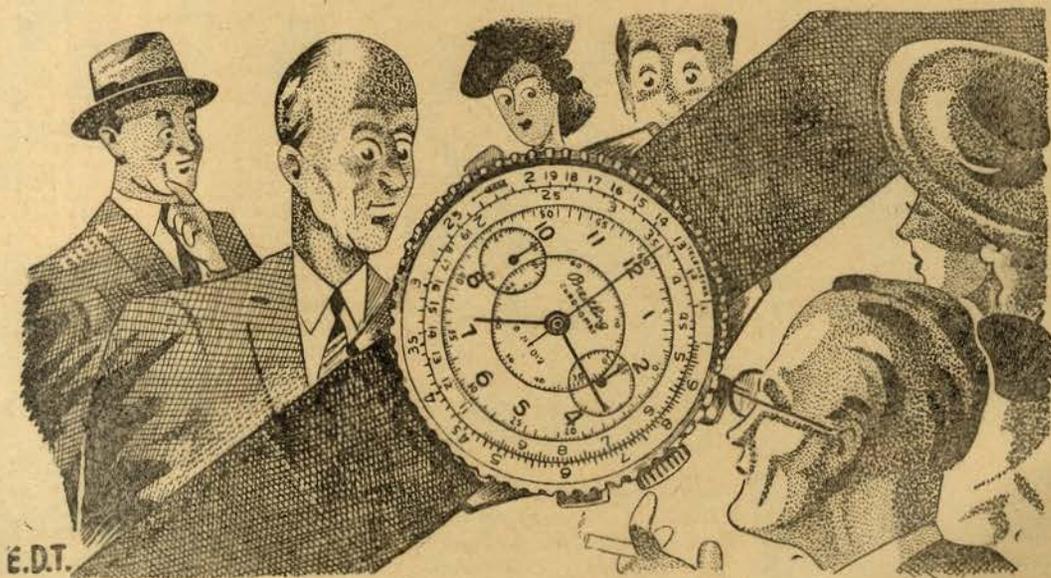
O Internacional da rua Rodrigues Sampaio foi o concorrente mais fraco e teve logo um adversário de respeito: o Técnico. Tocaram-se os extremos e isso justifica o resultado de 0-5. Cunha Rosa, Vinhas, Seabra Pinto, Viveiros Pinto, Antero de Abreu e D. Conceição estiveram dentro das suas possibilidades.

DRIVE

Breitling

CHRONOMAT

ASSOMBRA O MUNDO INTEIRO



A Poligráfica, L.^{da}

TELEFONE 81614

52-A—Rua de Alcântara, 52-C

**PAPELARIA
TIPOGRAFIA
LIVRARIA**

TELEFONE 81-874

A. FONSECA & SILVA, L.^{DA}

Fábrica de Alpergotes e Calçado ligeiro
Fornecedor de calçado de Basketball do Atlético C. de Portugal
Rua da Indústria, 58 LISBOA

FANQUEIROS, RETROZEIROS, MODAS,
GRAVATARIA, CAMISARIA, CON-
= FECCÕES E ROUPA BRANCA =

CASA JULMARES

de JÚLIO MARQUES

Rua do Prior do Crato, 101 e 103

Telefones 5 02256 e 6 3881

Alcântara

Filial: A PEQUENINA DE BELÉM

Rua da Junqueira, 376

Telefone 8 1212

Stand
RUA 1.º DE MAIO, 9-A

COMPRA E VENDE:
AUTOMÓVEIS USADOS
E PEÇAS PARA OS
MESMOS SUCATAS DE

CARLOS CORADO

Depósitos e Armazéns:
RUA 1.º DE MAIO, 11
Pátio Leirão, porta 6-10-12
Telef. 81-666

FERRO, LATÃO, BRONZE,
COBRE E ALUMÍNIO
E TÔDA A QUALIDADE
DE SUCATA

ALCÂNTARA
LISBOA

Residência:
R. LEÃO DE OLIVEIRA, 12-3.º-E.
Telef. 81583

José Furtado Leite L.da

Rua da Junqueira, 28
LISBOA — Telef. 81402

**Armazém de
Mercearias
Cereais e
Legumes**

MÁQUINAS — SUCATAS DE FERRO E METAIS
— ACESSÓRIOS PARA CAMIONETES (Usados)

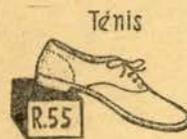
Silva & Dias, L.^{da}

Rua das Fontainhas, 19 — Alcântara

Telefone 8 1956



ROSA



CALÇADO VULCANISADO — BORRACHA — ALPARGATAS

TELEFONE
P. B. X. — 81338

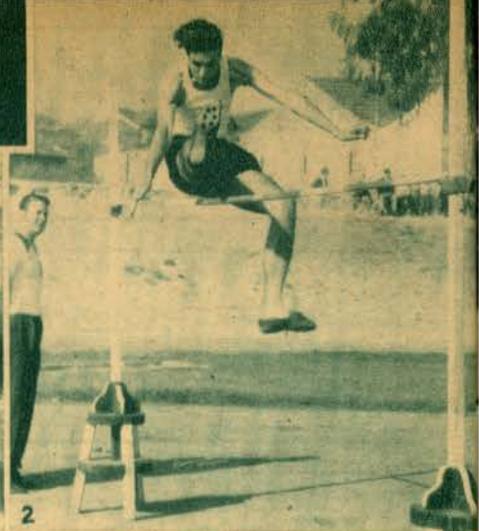
L I S B O A

José Rosa (Herdeiros) L.^{da}

Largo das Fontainhas, 28-29



Stadium na Capital do Norte



3

ATLETISMO — Disputaram-se os campeonatos regionais de "principiantes", em que triunfou a equipa do F. C. do Porto, que conquistou, por isso, a taça "António Sarsfield.": 1 — A emotiva chegada dos 80 metros, em que triunfou o

atleta do Académico de Braga, António Teixeira Martins, com o tempo de 10 s.; 2 — Maceira Dias, do Académico, vai igualar o *récord* regional do salto em altura, na sua categoria, com 1,85; 3 — A novel colectividade, Amarante F. C., que pela primeira vez tomou parte em provas oficiais de atletismo, e que teve estreia auspiciosa, deixando as melhores impressões. **CAMPEONATOS REGIONAIS DE NATAÇÃO DA "MOCIDADE PORTUGUESA,"**: 4 — Da esquerda para a direita — Ernesto Vieira Braga, Manuel Teixeira Santos e Arnaldo Montefalco, vencedores, respectivamente, dos 66 m. *crawl* costas; 66 m. *crawl* frente e 66 m. bruços (ambos "Vanguardistas.," e 33 m. bruços (Infantea.). **CONCURSO HIPICO DA "MOCIDADE PORTUGUESA,"**: 5 — A "parelha", vencedora da prova de obstáculos. **CAMPEONATO NACIONAL DE "BASKETBALL," CORPORATIVO**: 6 — A equipa da Cuf, que venceu a Estatuária de Coimbra, conquistando o campeonato. **AS FESTAS COMEMORATIVAS DO 38.º ANIVERSARIO DO F. C. DO PORTO**: 7 — Começaram as festas comemorativas do 38.º aniversário do F. C. do Porto, que no domingo movimentaram centenas de praticantes numa jornada de exuberante vitalidade colectiva da qual oferecemos um aspecto

(Fotos Hermann)

